

Maria José Teixeira Santana

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo

As rádios locais no Norte de Portugal e na Galiza
Dificuldades e desafios em ambos os lados da fronteira



Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra

2009

Maria José Teixeira Santana

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo

Variante: Comunicação e Jornalismo

As rádios locais no Norte de Portugal e na Galiza

Dificuldades e desafios em ambos os lados da fronteira

Orientadora: Prof. Doutora Isabel Vargues



Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2009

Agradecimentos

Agradeço a todos quantos tornaram possível a realização desta dissertação, nomeadamente à minha orientadora, professora doutora Isabel Vargues. Importa ainda deixar um agradecimento especial ao professor doutor Alberto Pena, da Universidade de Vigo, pela preciosa ajuda que prestou na parte respeitante aos dados e estudos da Galiza.

ÍNDICE

Introdução	7
Galiza e Norte de Portugal: Aspectos de convergência entre as duas regiões	9
Ligação histórica perpetuada pela proximidade linguística	9
A constituição da Euroregião	10
A cooperação transfronteiriça ao nível da comunicação social	12
Perspectiva histórica	14
As primeiras emissoras locais portuguesas: de rádios piratas a rádios livres	15
O processo de legalização em Portugal	18
O caso galego	21
Mapa radiofónico das duas regiões	24
Rádios no Norte de Portugal	24
Diagnóstico e desafios futuros	25
Rádios na Galiza	26
Efeitos de um financiamento público	28
Legislação e regulamentação do sector	30
Vocação local	32
Panorama europeu	35
Audiências	39
Hábitos de audição de rádio	40
A era do on-line	42

Caso de estudo	45
Objectivo e Metodologia de estudo	45
Rádio Terra Nova	47
Caracterização do quadro de pessoal	50
Desafios futuros	54
Rádio Obradoiro	55
Caracterização do quadro de pessoal	57
Desafios futuros	60
Análise comparativa	61
Conclusões	66
Bibliografia	68
Anexos	72

Resumo:

As rádios locais são meios de excelência de informação de proximidade, apesar de terem nascido de um processo conturbado (ilegalidade). No presente estudo pretende analisar-se como vivem e se desenvolvem actualmente este tipo de meios de comunicação social local, comparando as realidades de duas regiões diferentes, pertencentes a dois países distintos, mas fortemente ligadas pela história, cultura e economia: o Norte de Portugal e a Galiza.

Introdução

Actualmente, são parte integrante das comunidades em que estão inseridas, com uma importância e responsabilidade reconhecida por quase todos os agentes dessa mesma comunidade. Distinguem-se das suas congéneres nacionais pelo carácter dos seus conteúdos, que dão primazia às informações que dizem respeito ao meio onde estão inseridas, a informação de proximidade.

Muitas delas já conseguiram conquistar um lugar de referência entre o público para o qual trabalham. Acompanham o evoluir dos tempos, as inovações tecnológicas, profissionalizaram os seus projectos. Mas nem sempre assim foi para as emissoras radiofónicas locais, nascidas sob o signo da clandestinidade. De tal forma que, em Portugal até ficaram conhecidas como “rádios piratas”.

O presente estudo pretende apresentar-se como um contributo para o estudo académico sobre este meio de comunicação social de proximidade, comparando o caso concreto da experiência portuguesa e espanhola nesta matéria, mais especificamente as realidades das regiões Norte de Portugal e Galiza. Face aos profundos laços - culturais, sociais e económicos -, que unem as duas regiões, importará verificar até que ponto é que esta afinidade identitária entre o Norte de Portugal e a Galiza perpassa, ou não, para o modelo do espectro radiofónico de âmbito local.

É certo que, em cada um dos lados da fronteira, encontramos, desde logo, uma diferença abismal entre as emissoras locais de cada uma das regiões. Em Espanha, e consequentemente na Galiza, parte do espectro radiofónico de âmbito local é protagonizado por rádios municipais. São

emissoras financiadas pelos próprios municípios – com todas as vantagens e desvantagens que daí advêm.

Já em Portugal, as empresas e associações que detêm as emissoras locais não podem contar com financiamentos por parte das autarquias, à excepção da venda de publicidade.

Com o presente estudo pretende-se verificar até que ponto esta discrepância pode ser sinónimo de desconformidades ao nível do retrato das rádios locais das regiões do Norte de Portugal e da Galiza, analisando os modelos de organização, os desafios com que se deparam e a influência no meio onde se inserem as emissoras locais de cada uma destas regiões. Mediante o estudo de caso de uma rádio de cada região, tentaremos traçar pontos comuns ou díspares entre as emissoras locais de ambos os lados da fronteira.

1. Galiza e Norte de Portugal: Aspectos de convergência entre as duas regiões

1.1 Ligação histórica perpetuada pela proximidade linguística

Portugal e a Galiza estão ligados historicamente desde tempos imemoriais. Ambas as regiões fizeram parte das mesmas províncias, condado e reinos até aos séculos XII - XIII.

Uma das vertentes mais visíveis, e também perpétuas, dessa ligação secular assenta, precisamente, na proximidade linguística. Importa lembrar que, até à Idade Média português e galego eram uma mesma língua (galaico-português). E não obstante a criação da fronteira entre Portugal e Espanha ter conduzido a que a língua seguisse linhas evolutivas diferentes (galego e português), ainda hoje se mantêm muitas das semelhanças entre os dois idiomas. De tal forma que, há até quem defenda que a unificação linguística ainda perdura, ou seja, que galego e português continuam a ser uma mesma língua.

Prova desta ligação cultural e identitária entre as duas regiões é o movimento que está a dar corpo a uma candidatura das tradições orais galego-portuguesas a Património Imaterial junto da UNESCO. Um dos principais argumentos sustentados para a apresentação desta candidatura passa pelo facto de as regiões do Norte de Portugal e da Galiza conservarem, ainda, “um conjunto de práticas sociais e uma tradição oral que, de alguma forma, as individualiza no conjunto das demais regiões portuguesas e espanholas.”

Este movimento, que é liderado pela associação “Ponte...nas ondas!”, apoiada por um grupo de especialistas de universidades galegas e portuguesas, sustenta que, “a cultura tradicional galego-portuguesa

apresenta uma unidade e umas semelhanças que evidenciam que a cultura comum manteve uma identificação com a comunidade obstinadamente fiel ao passado e que devido às rápidas mudanças sociais corre perigo de desaparecer.”

A importância desta aproximação linguística nas relações entre a Galiza e Portugal é sustentada por vários investigadores de ambos os lados da fronteira, como é o caso de Xavier Vilhar Trilho, que afirma que “as relações entre a Galiza e Portugal ultrapassam aquelas que se podem dar entre Portugal e o Reino da Espanha ou aquelas entre Portugal e as outras regiões do Reino da Espanha fronteiriças com Portugal (a Castela-Leão, a Estremadura, e a Andaluzia), que não têm em comum a língua com as contíguas regiões portuguesas (Trás-os-Montes e Alto Douro, a Beira Interior, o Alentejo e o Algarve)”. Mas, sustenta Trilho, importa não limitar as relações entre a Galiza e Portugal apenas à Galiza e Norte de Portugal. “O relacionamento da Galiza é com o Portugal inteiro e não só com parte (o Norte) de Portugal”, argumenta.

1.2 A constituição da Euroregião

Este forte relacionamento cultural, social, e também económico, entre as regiões do Norte de Portugal e Galiza está também a produzir efeitos práticos ao nível político, com a construção de uma Euroregião, transfronteiriça e inter-regional. Ambos os países avançaram já com a constituição do Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial (AECT) Galiza-Norte de Portugal. Um dos principais objectivos deste organismo passa por “melhorar os instrumentos para a captação de fundos, tanto

públicos como privados com o fim de financiar projectos e serviços de interesse comum”. Ou seja, unidas as duas regiões esperam aumentar a sua capacidade de influência na Europa.

Mas do que falamos quando nos referimos à Euroregião Galiza-Norte de Portugal? O trabalho desenvolvido pela Comunidade de Trabalho Galiza-Norte de Portugal desenhou uma região transfronteiriça que abrange uma superfície total de 51 mil quilómetros quadrados e concentra uma população superior a 6 milhões de habitantes - o que traduz uma densidade populacional de 123 habitantes/Km². Do lado galego, a Euroregião corresponde às áreas das províncias da Corunha, Lugo, Ourense, e Pontevedra. Na Região Norte de Portugal, engloba as subregiões Minho-Lima, Cavado, Ave, Grande Porto, Tâmega, Entre Douro e Vouga, Douro e Alto Trás-os-Montes.

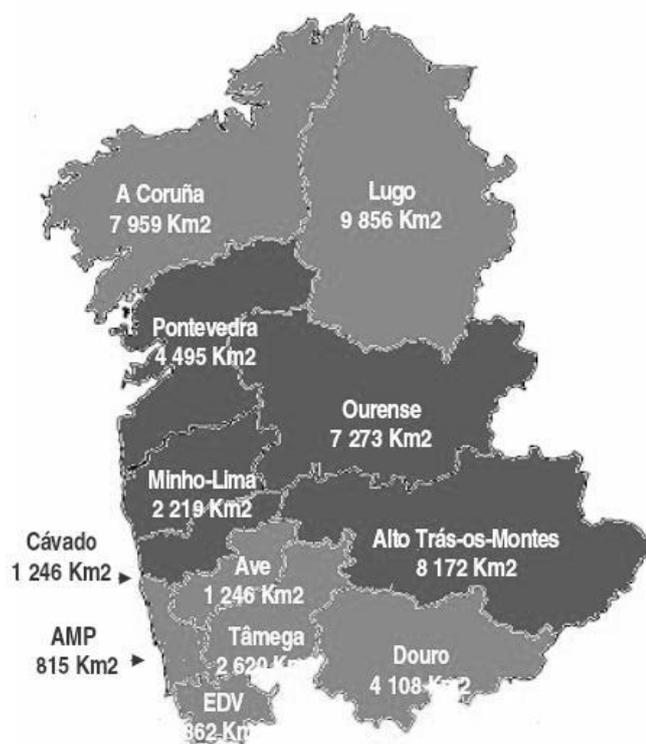


Ilustração 1 - Mapa da Euroregião

Em termos económicos, a região Norte de Portugal apresenta-se como uma região fortemente industrializada, contrapondo com a Galiza, mais dependente do sector agrícola, sendo que, ambas as regiões estão a apostar de forma evidenciada no sector terciário. Ao nível das relações de ambas as regiões com a economia mundial, nomeadamente no que concerne à troca de mercadorias, a Região Norte apresenta um volume de importações duplo do da Galiza a par de uma capacidade exportadora tripla da galega.

A estratégia de desenvolvimento definida para as duas regiões, no âmbito da Euroregião, tenta catapultar as potencialidades que se apresentam em cada um dos lados da fronteira. O Plano Estratégico da Euroregião (2007-2012) assenta em cinco áreas prioritárias: impulso dos sistemas básicos de transporte e acessibilidades; cooperação no âmbito do mar; competitividade das PME's (Pequenas e Médias Indústrias); Protecção Ambiental e desenvolvimento urbano sustentável; fomento da cooperação e integração social e institucional.

1.3 – A cooperação transfronteiriça ao nível da comunicação social

Face a este cenário de proximidade geográfica, ligação histórica e cultural, que tem dado também frutos na área económica, não constitui surpresa que a cooperação entre ambas as regiões tome igualmente forma na área da comunicação. E um dos maiores exemplos surge, precisamente, ao nível da comunicação radiofónica. Apesar de terem caído por terra algumas tentativas de colaboração mais assídua entre as emissoras locais

existentes nos dois lados da fronteira, o Norte de Portugal e a Galiza há muito que estão ligados por um projecto de comunicação transfronteiriço que também tem conseguido afirmar-se cada vez mais, tendo, nos últimos anos, ultrapassado as “barreiras” da cobertura radiofónica: o “Ponte...nas Ondas”.

O projecto, iniciado em 1994, consiste numa jornada de rádio interescolar e transfronteiriça, que une num só programa as participações de dezenas de escolas das duas regiões, e é dinamizado pela Associação Cultural e Pedagógica “Ponte...nas ondas”. Durante os primeiros três anos do projecto a emissão dos programas – num formato de continuidade, que assegura a concretização de uma verdadeira jornada radiofónica - foi assegurada por rádios locais de ambas as regiões. Em 1998, a empresa de comunicações espanhola Telefónica decide associar-se ao projecto, assegurando a transmissão da emissão pela Internet. Isto numa altura em que só grandes eventos sociais ou políticos eram transmitidos na *web*. Em 1999, o projecto ganha um novo avanço tecnológico, ainda pouco comum para a época, uma vez que começou a emitir imagens vídeo.

Mais recentemente, o projecto de comunicação passou a ter também como parceiro a Universidade de Vigo, que é, actualmente, a grande responsável pelo apoio logístico e tecnológico à emissão radiofónica – e agora também televisiva. O restante trabalho cabe, depois, aos professores e alunos das escolas galegas e portuguesas participantes, às quais é lançada uma “convocatória” para a emissão que ocorre uma vez por ano, normalmente no início de Junho. Por detrás do trabalho final apresentado por cada grupo escolar, estão sempre várias horas de pesquisa, estudo e conversas em torno do património comum das duas regiões, motivo pelo qual o projecto é apresentado como sendo também um movimento cultural, além de um projecto de comunicação transfronteiriça.

2. Perspectiva histórica

O fenómeno repetiu-se um pouco por toda a Europa, e Portugal e Espanha não foram excepção. As rádios livres começaram a proliferar, a afirmar-se nos meios onde estavam inseridas, debaixo da clandestinidade. Joaquim Luís Rodrigues Bonixe aponta vários traços comuns ao desenvolvimento deste fenómeno nos vários países do continente europeu, entre os quais se destaca a particularidade de, em praticamente todas as nações, a legalização das emissoras locais ter tardado a sair à luz do dia. “Com efeito, foi mais fácil criar a estrutura, começar a emitir clandestinamente e até ganhar audiência do que obter a tão desejada legalização. A história das rádios livres na Europa está cheia de um sem-número de casos de encerramentos forçados por parte da polícia ou de processos em tribunal que se arrastaram anos a fio (...)”.

Mas esta não foi a única característica comum. Segundo vinca ainda o autor, grande parte dos projectos radiofónicos livres que foram nascendo na Europa estar muito marcado por um carácter ideológico (com propósitos de intervenção política ou social). De igual forma, “muitas rádios livres apareceram por iniciativa de grupos de pessoas sem outras motivações que não fosse o de fazer rádio”.

2.1 As primeiras emissoras locais portuguesas: de rádios piratas a rádios livres

O fenómeno das rádios locais em Portugal teve início no final da década de 70. Estima-se que, no território português, tenham emitido clandestinamente entre 500 a 800 rádios. Primeiro, como obra de entusiastas amadores, normalmente jovens. Depois surgem associadas ao poder local, às colectividades de cultura e recreio, associações industriais, comerciais e sindicais.

No estudo “As rádios locais no pós 25 de Abril”, Ana Paula Azevedo aponta para uma “terceira vaga” de rádios locais, associada ao surgimento de projectos já bem estruturados, tecnicamente bem apetrechados, com profissionais qualificados e uma base empresarial, que aproveitaram uma conjuntura económica favorável (efeito da adesão de Portugal à CEE, que favorece o mercado publicitário e o aparecimento de projectos de comunicação)”. Mas o caminho até a esta terceira fase da história das rádios locais ainda requereu algum tempo.

Segundo traça Azevedo, contam-se entre as primeiras emissões clandestinas as da Rádio Juventude, na região de Lisboa, muito embora muitas outras experiências tenham existido um pouco por todo o país, das quais não ficou registo. Em 1979, surgiu a Rádio Imprevisto, em Odivelas, fazendo emissões irregulares a partir de um automóvel que andava às voltas na zona, para que as emissões não fossem detectadas pela fiscalização. “O material da Rádio Imprevisto foi custeado e feito pelos próprios, não passando de um projecto familiar e para os amigos”, sublinha a autora. Os seus dinamizadores ainda conseguiram improvisar uns estúdios num sótão

de uma casa na zona de Odivelas, mas em 1981, todo o material foi apreendido pelos serviços dos CTT.

Entre as primeiras estações clandestinas estiveram também a Rádio Caos (que nasceu no Porto, em 1981), a Rádio Antena Livre (Abrantes, 1982), esta última, apontada como um verdadeiro paradigma da regionalização, em virtude de ter apostado em programas de informação local e de entretenimento, envolvendo as gentes e as tradições da terra” (Azevedo, 2001). A “receita” adoptada pela Rádio Antena Livre (RAL) revelou-se um sucesso, colhendo a maior simpatia popular. Esta emissora notabilizou-se ainda pela realização de entrevistas a personalidades da vida política, como foi o caso de Ramalho Eanes e Augusto Seabra (na altura, ministro da educação), e que causaram alguma celeuma, uma vez que estas figuras tinham aceitado falar a uma “rádio pirata”.

Outra das pioneiras foi a Rádio Livre Internacional (RLI), que fez a sua primeira emissão em Abril de 1983, em Lisboa. Segundo destaca a autora, este projecto tinha como principais dinamizadores dois animadores de rádio que faziam um programa sobre Portugal na Rádio Ivre (uma das mais antigas rádios livres francesas), em Paris, tendo mesmo a RLI sido apoiada e financiada pela Rádio Nova-Ivre, de Paris, pela revista francesa “Actuel” e pela Associação Internacional para a Libertação das Ondas. Além de possuir um emissor potente, esta emissora gozava de um material sofisticado que permitia aos seus animadores detectar os carros da fiscalização a dois quilómetros de distância e parar as emissões. O caso concreto da RLI assume ainda especial destaque pelo facto de ao fim de um mês a emitir a partir de Lisboa, os seus promotores decidiram transferi-la para Coimbra, passando a emitir a partir do circuito das repúblicas, com um programa de quatro a cinco horas diárias. Mas acabou por ficar sem emissor por força de uma acção fiscalizadora. A situação deu origem a um

movimento de estudantes que ocuparam a reitoria, levando a que quer o reitor, quer a Associação Académica de Coimbra, tenham intercedido em RLI. Após um período de silêncio, a estação voltou a emitir e as autoridades encerraram o processo.

Cansados de toda esta pressão por parte dos CTT e ansiosos pela chegada do licenciamento de estações privadas, os promotores e dinamizadores começaram a mobilizar-se para coordenar esforços, dando início a um movimento de associativismo que se revestiu de extrema importância para a afirmação das rádios piratas, e no qual os promotores destas estações passaram a proclamar os seus projectos radiofónicos como “rádios livres”.

O primeiro encontro ocorreu a 29 de Maio de 1983, no Porto, e juntou os representantes de quatro rádios da zona norte do país: Rádio Caos, Rádio Universo, Rádio Nova e Rádio Escolar. Segundo adianta Azevedo, citando a acta do encontro, esta reunião deixou bem vincada a existência de um “propósito comum de reivindicar a legalização e regulamentação da RÁDIO LIVRE em Portugal, como proposta alternativa ao actual contexto radiofónico e informativo português”. Com esse propósito, os responsáveis pelas quatro rádios decidiram avançar, logo no mês seguinte, com um encontro nacional de rádios livres portuguesas.

Esse primeiro encontro nacional, realizado a 18 de Junho de 1983, na Junta de Freguesia de Canelas, já contou com a participação de seis rádios, tendo sido sublinhado “a necessidade urgente de um trabalho concertado, que vise objectivamente a legalização e regulamentação das Rádios Livres”, o que levou à eleição de uma Comissão Coordenadora das Rádios Livres Portuguesas. Esta comissão deu, então, início uma série de encontros de reflexão, que contaram com a participação de figuras políticas e da comunicação social.

O objectivo era lutar pela legalização dos projectos que se viam obrigados a viver na ilegalidade, apesar de, com o “boom” das estações piratas e também por força da pressão da opinião pública, a Fiscalização Radioelétrica ter passado a alterar a sua fiscalização: em vez de apreender discriminadamente e encerrar os emissores clandestinos, a acção passou a ser de localizar, mas não actuar, remetendo cada caso detectado para a Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Este órgão, em termos gerais, apenas mandava apreender o material no caso de as estações identificadas estarem a provocar interferências noutros serviços, nota Azevedo. O caminho até à legalização ainda levou vários anos, uma vez que só no final da década o Governo abriu concurso público para atribuição de alvarás aos projectos radiofónicos locais.

2.2 Processo de legalização em Portugal

A par com a pressão causada pelos promotores das rádios livres, em 1986 é notória a necessidade de proceder ao reordenamento do espaço radiofónico, considerado um meio escasso, o que veio agudizar a necessidade de um quadro jurídico para o sector. A primeira proposta de legislação foi apresentada pelo PCP (Projecto de Lei da Radiodifusão, nº 79/III de 23 de Junho de 1983) e era subscrita pelos deputados Jorge Lemos, Veiga de Oliveira, Carlos Carvalhas, Odete Santos, Lino Lima e João Amaral.

A proposta, nota Azevedo, era “muito restritiva” uma vez que definia a radiodifusão como um “serviço público”, atribuído à RDP. Às empresas não pertencentes ao “sector público” o exercício da actividade de

radiodifusão só era permitido “mediante licença em condições que salvaguardem os princípios da não discriminação e da igualdade de acesso e assegurem a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião”.

No mesmo ano surge um novo projecto preconizado pelos deputados Diniz Alves (PS) e Jaime Ramos (PSD). O Projecto de Lei nº 252/III, de 26 de Novembro de 1983, centrava especial atenção nos “serviços locais de radiodifusão sonora” (SLRS), com regras muito apertadas para a concessão de licenças: só seriam atribuídas licenças de radiodifusão a cooperativas ou associações sem fins lucrativos e nenhuma associação ou cooperativa poderia ter mais de um SLRS.

Neste projecto, repara Azevedo, fechavam-se ainda as portas à exploração comercial e empresarial das rádios, uma vez que estas ficavam sujeitadas a “um máximo de oito minutos de publicidade por hora” e obrigadas a que “os lucros obtidos fossem reinvestidos”.

Tanto o projecto do PCP como o dos deputados do PS e PSD foram sendo sucessivamente adiados, acabando por só serem votados em 1985, em simultâneo com o projecto de Lei da Radiodifusão, apresentado pelo ministro da tutela de então, António Almeida Santos. Este último previa que o serviço de radiodifusão pudesse ser prestado por empresas públicas ou operadores privados, para os quais eram, desde logo, estabelecidos vários requisitos: deviam possuir normas estatutárias dos fins a que se propunham e os que viessem a obter uma frequência de cobertura geral seriam “obrigados à apresentação de programas informativos”. Ainda de acordo com Azevedo, os três projectos ainda chegaram a ser discutidos, e aprovados na generalidade, na Assembleia da República a 26 de Março de 1985. Só que por força da dissolução da AR e da convocação de novas

eleições legislativas (para 6 de Outubro de 1985) o processo legislativo do sector da rádio acabou por ficar suspenso.

Só em 1987 surge a tão reclamada Lei da Rádio (Lei nº 8/87, de 11 de Março). A aprovação de um novo diploma (Lei nº 87/88, de 30 de Julho, que mais tarde foi revogado pela Lei nº4/2001, de 23 de Fevereiro, por sua vez alterada pela Lei nº 33, de 22 de Agosto de 2003), viria contemplar o aparecimento de rádios locais, devidamente enquadradas por lei, e mediante um concurso público para a atribuição de alvarás.

Enquanto o concurso decorre, as «rádios piratas» foram obrigadas a cessar as suas emissões. A 24 de Dezembro de 1988 fez-se silêncio absoluto aos microfones das «rádios piratas» ou «rádios livres». Um momento que ficou marcado pelas palavras de Fernando Alves, aos microfones da TSF – Rádio Jornal, actualmente propaladas no *site* dedicado à história e vivências da rádio, *Telefonia Sem Fios*:

“Amanhã vai doer mais.

Agora, ainda não demos por nada.

Temos o corpo quente da pancada.

Agora erguemos os copos e o espanto todo.

Agora não dói.

Agora, ainda não sabemos que dói.

É certo: o amor da rádio nunca acaba.

Afastai-vos da lepra que este silêncio traz.

De quarentena companheiros.

Que aos outros, aos que sobram, este silencio também pesa.

Escutemos o silêncio das vozes que sobram.

Sussurrante nostalgia do que virá.

Voltaremos à antena numa inesperada manhã, para dizer de novo: O amor da rádio nunca acaba!

Erguemos pois os copos e os beijos.

Uma manhã destas, surpreenderemos os espantalhos do FM.

Amada rádio, até já”.

A legalização chegou em Março de 1989 e das antigas «rádios piratas» apenas 314 atingiram o estatuto de rádios locais – actualmente, o número de rádios locais ascende a 347 (311 no Continente, 14 da Madeira e 22 nos Açores).

Ultrapassada a questão da legalidade das estações de rádio de cariz regional e local, muita coisa mudou em relação ao cenário de projectos liderados por entusiastas da rádio. O espírito de voluntariado e amor à camisola – que ditaram o surgimento e os primeiros passos das emissoras locais – deram lugar a uma maior profissionalização. Às rádios locais portuguesas foi ainda exigido que acompanhassem as inovações tecnológicas que foram sendo ditadas para o sector e que enfrentassem o fenómeno responsável pelas grandes mudanças do final do Milénio: o aparecimento da Internet.

2.3 O caso galego

À semelhança do que aconteceu em Portugal, as emissoras de rádio locais de Espanha nasceram sem sustentáculo legal em 1979. E também foi graças à entrada em funcionamento de um número elevado de rádio locais um pouco por toda a Espanha que se avançou com o ordenamento legal de actividade de radiodifusão. Segundo Arturo Tejerina (citado por PEREZ e MIRALLES), entre 1959 e 1960 operavam em Espanha perto de 600

emissoras “parroquiais”, com carácter local, “fora de qualquer tipo de ordenamento de telecomunicações”.

Ainda de acordo com o mesmo autor, em 1977, Espanha assiste a um fenómeno que veio facilitar o aparecimento das emissoras locais: a radiodifusão espanhola desvincula-se dos informativos oficiais e começa a emitir em cadeia, sem atender à necessidade de aproximar a informação ao cidadão. “(...) Para as cadeias, sobretudo as cadeias privadas, a rentabilidade prima sobre as necessidades do cidadão, é muito melhor emitir um programa em cadeia do que emitir informação de proximidade ao cidadão, a informação da sua própria vila...” *. Isto quando, a tendência veio a confirmar o contrário, que o caminho estava na segmentação da audiência, na rádio de proximidade, que emite a informação sobre o meio próximo do cidadão.

A primeira rádio pública local espanhola começou a emitir a 11 de Setembro de 1979, no município catalão de Arenys de Mar, e acabou por levar a que o fenómeno se tenha multiplicado noutros municípios da Catalunha e, poucos meses depois, propagou-se também à Galiza, Aragão, Múrcia, Madrid e Canárias.

No caso concreto da região galega, foi em meados da década de 80 que se assistiu ao auge das emissoras municipais, muito embora a primeira a primeira experiência de rádio municipal tivesse ocorrido ainda em 1980: a Rádio As Mariñas começa a emitir no concelho de Oleiros (Corunha), à meia-noite do dia 25 de Julho (Dia da Pátria Galega) e, setenta minutos depois é encerrada pela Guarda Civil, dada a falta de um regulamento jurídico para este tipo de emissões (ESTEVEZ).

Estes minutos de emissão da Rádio As Mariñas acabaram por se revelar como um ponto de partida para “uma experiência de comunicação

nova à qual se foram somando um número muito significativo de municípios galegos”.

Em 1984, um concelho vizinho de Oleiros, Fene, iniciou a sua própria rádio municipal, e, um ano mais tarde, acabou por surgir a Rádio Oleiros, a continuadora da pioneira Rádio As Mariñas. Os anos imediatamente seguintes ficaram marcados pelo arranque de outros projectos radiofónicos municipais. (PEREZ e MIRALLES).

A legalização das emissoras locais acabaria por chegar em 1991, com a aprovação da “Lei da Organización e Control das Emissoras Municipais”, que veio estabelecer que “a gestão deste tipo de frequências corre a cargo dos concelhos concessionários”, que têm de escolher uma das três fórmulas previstas para a gestão: gestão directa (o responsável é um membro do governo local); criação de uma sociedade comercial com capital unicamente municipal; criação de um “padroado”, organismo autónomo de titularidade municipal. Relativamente ao financiamento, a lei prevê que as rádios municipais possam recorrer em simultâneo aos orçamentos dos concelhos e à publicidade.

3. Mapa radiofónico das duas regiões

3.1 Rádios no Norte de Portugal

De acordo com os últimos dados do Gabinete para os Meios de Comunicação Social – organismo do Governo português, que veio substituir o antigo Instituto da Comunicação Social -, em 2007, o número de rádios locais licenciadas em Portugal ascendia a 347. Destas, 311 situam-se no Continente, 14 na Madeira e 22 nos Açores. Concretamente no que diz respeito à região Norte, e tendo em conta o Anuário da Comunicação 2007-2008 do Obercom (Observatório da Comunicação), o número ascende a 129¹.

Rádios Locais por Distrito	
Aveiro	26
Braga	17
Bragança	9
Coimbra	19
Porto	29
Viana do Castelo	12
Vila Real	13
Viseu	23
Total	148

Ilustração 2 - Quadro de rádios por distrito (Fonte: Obercom)

¹ * Apesar do mapa da Euro-região só incluir os distritos portugueses de Braga, Porto, Viana do Castelo, Vila Real, Bragança e parte do distrito de Aveiro (Entre Douro e Vouga), optou-se por incluir também nesta análise outros distritos que têm uma estreita colaboração económica e cultural com a Galiza, nomeadamente Viseu e Coimbra.

3.2 Diagnóstico e desafios futuros

Este aparente excesso de emissoras locais por distrito e concelho está na origem daquele que é apontado como um dos principais problemas de sobrevivência e emancipação das empresas de radiodifusão locais: o excesso de concorrência.

Num dos poucos diagnósticos que foi feito em Portugal ao subsector das rádios locais, e que foi protagonizado pelos XV e XVI Governos Constitucionais, essa questão surge fortemente evidenciada. Esta forte concorrência acaba por arrastar também as emissoras locais para outras complicações: “a existência de dificuldades técnicas relacionadas com a impossibilidade de cobertura de algumas áreas do concelho para que estão licenciadas e a sobreposição de frequências noutras, tudo agravado pela situação de grande debilidade financeira de algumas rádios” (DUARTE:51).

No âmbito deste mesmo diagnóstico, efectivado em 2003, a auscultação ao sector dos jornais e rádios locais – feita através da recolha de informação qualitativa (conversas exploratórias) e informação quantitativa (aplicação de um inquérito) permitiu apurar que, “a dificuldade de angariação de publicidade” constitui o principal problema para a sobrevivência e afirmação das empresas jornalísticas que detém os títulos ou emissoras de radiodifusão.

Segundo nota Barreiras Duarte, no caso específico do subsector das rádios locais são ainda apontadas questões como “a necessidade de maiores apoios do Estado, a falta de formação e a falta de recursos humanos”.

Passadas que estão mais de duas décadas após o grande “boom” das rádios locais, verifica-se que muita coisa mudou em relação ao cenário de projectos liderados por entusiastas da rádio. O espírito de voluntariado e

amor à camisola – que ditaram o surgimento e os primeiros passos das emissoras locais – tiveram de dar lugar a uma maior profissionalização. Um caminho que nem todas têm conseguido cumprir, acabando por se transformar em meros projectos musicais – limitando-se a cumprir a produção e difusão do mínimo de serviços informativos impostos por lei -, ou acabaram por se associar em cadeias de rádios. Foi o que aconteceu a várias frequências de rádios locais, que passaram para as mãos de cadeias como o RCP (Rádio Clube Português), Rádio Cidade ou Mega FM.

3.3 Rádios na Galiza

Na Galiza, o mapa radiofónico de carácter público é constituído por três grandes tipos de emissoras: as pertencentes à Rádio Nacional de Espanha [com carácter estatal e a emitirem quatro programações na Galiza – RNE1, Rádio 2, Rádio 3 e Rádio 5]; as emissoras autónomas integradas na Companhia de Radiotelevisión de Galicia [CRTVG] – que emitem a programação da Rádio Galega; as emissoras municipais – dependentes de cada um dos concelhos com emissora própria – agrupadas, a grande parte delas, na associação EMUGA [Emissoras Municipais Galegas].

Fora destes grandes grupos existe ainda uma emissora de tipo institucional, a Rádio ECCA, detida pelos Jesuítas, que não se insere na categoria das emissoras comerciais, mas também não funciona claramente como uma rádio pública. Trata-se de uma emissora educativa, que emite a partir de Vigo uma programação de tipo cultural e religiosa, sem publicidade (ESTÉVEZ).

Em termos de rádios comerciais (privadas), o panorama da região da Galiza é caracterizado pela existência de rádios locais autónomas

(exemplo: Rádio Obradoiro e Rádio Arzua) e, à semelhança do que acontece também em Portugal, fica marcado pela associação de várias frequências locais para uma emissão em cadeia. Mas, contrariamente aquilo que é a realidade portuguesa, na Galiza as emissões em cadeia podem ter por base projectos de âmbito regional. É o caso da Rádio Voz (Grupo Voz), que conta com várias frequências, mas emite uma programação direccionada para a comunidade galega.

Concretamente no que diz respeito às emissoras municipais, o seu número ascendia, em 2004, a 45. Um número bastante inferior àquele que seria de esperar e de prever numa região que é constituída por mais de 300 concelhos e tem quase três milhões de habitantes. Segundo nota Pousa Estévez, no estudo *A Comunicación en Galicia 2004*, não obstante o facto de a região poder ter, em potência, 315 emissoras municipais (uma por concelho), a realidade está muito aquém. Mais ainda: Dos 60 concelhos que têm concedida uma emissora de rádio, apenas pouco mais de quarenta estão a funcionar e algumas têm um funcionamento pouco regular.

O cenário vivido nos últimos anos pela rádio municipal galega fica marcado por momentos baixos. Segundo apontava Xosé Ramón Pousa na análise ao sector da rádio na Galiza, entre 2004 e 2006, algumas emissoras públicas locais que estavam em funcionamento durante o ano de 2000 acabaram por desaparecer, outras foram incorporadas em cadeias comerciais. Ainda que, nota o autor, a rádio municipal nunca tenha tido uma “boa saúde”, os últimos anos ficaram marcados pelo abandono de vários projectos radiofónicos.

Ao contrário do que acontece com os meios de comunicação social escrita, fortemente consolidada, ao nível da radiodifusão “[...]a produção galega – local fundamentalmente – reduz-se cada ano mais e as emissoras são meros repetidores de conteúdos alheios, com tudo o que isto supõe para

a utilização do galego, que vê limitada a sua presença num terreno que não deveria representar nenhum obstáculo”. (ESTÉVEZ).

Ainda assim, também do outro lado da fronteira, parecem não restar grandes dúvidas quanto à importância que as rádios municipais assumem no meio em que se inserem. Arturo Merayo Perez sublinha o facto de estas emissoras reservarem mais tempo aos conteúdos locais do que as emissoras em cadeia. “[...]Regra geral, as emissoras municipais estão mais abertas à participação efectiva dos grupos, entidades, associações e cidadãos”. (PEREZ).

Referindo-se às emissoras municipais da Catalunha, Emili Prado, classifica este tipo de rádios como “um serviço público, tal como uma biblioteca, como equipamento comunitário ao alcance de todos, sem distinção de ideologias, nem de etnias, catalanas e catalizadoras, autónomas; é dizer com firme vontade de clara e exacta integração sem nenhum tipo de condicionante nem dependência, de participação total e inserida na realidade e âmbito que nasceu”.

3.4 Efeitos de um financiamento público

Sendo propriedade do órgão de governo local – ainda que possam ser geridas em três fórmulas distintas -, as emissoras municipais espanholas são financiadas pelos orçamentos dos municípios aos quais pertencem. Ainda assim, acabam por acusar a mesma dificuldade apontada pelas suas congéneres portuguesas: a escassez de recursos financeiros.

Num estudo realizado junto as rádios municipais na Galiza, Patrícia Iglesias e Arturo Merayo Perez concluem que “para 80 por cento das rádios

galegas, a escassez de recursos económicos é o principal problema a que têm que fazer frente a curto prazo”. Uma situação que leva a que grande parte das emissoras acabe por recorrer a uma segunda via de financiamento: a publicidade.

Apesar de esta possibilidade estar prevista na lei, certo é que a situação tem levantado várias questões, nomeadamente ao nível da radiodifusão comercial, que encara esta entrada das emissoras municipais no mercado publicitário como concorrência desleal. Mas emergem também outras dúvidas: “Poderá este excessivo servilismo comercial por em perigo o objectivo principal da rádio municipal, alheia por definição ao interesse lucrativo? Restará espaço para o serviço público tendo que competir em toda a linha com a rádio privada?” (MIRALLES e PEREZ).

Henrique Sanfiz Raposo, por seu turno, é peremptório em defender a inclusão da publicidade nas emissoras municipais. O autor nota que, perante a situação de “asfixia económica” que afecta a maioria dos concelhos do Estado espanhol, o financiamento das rádios municipais tem de ser feita por três vias complementarias: o financiamento do concelho, ajudas supra-municipais e publicidade comercial e institucional. “A conjugação destas três fontes permitirá uma maior independência e segurança” (RAPOSO).

O autor defende, assim, que para além dos municípios, também as entidades supra-municipais devem assegurar um financiamento das emissoras locais, seja “através de subvenções directas, da compra de equipamentos, ou de acordos com as associações de emissoras para canalizar para elas uma percentagem dos elevados recursos que destinam à publicidade, tanto as administrações provinciais, autónomas ou estatais”.

3.5 Legislação e regulamentação do sector

Como já referimos, em Portugal, só em 1988 as rádios locais passaram a ter devido enquadramento legal, com a aprovação da Lei n.º 87/88, de 30 de Julho, que acabou por vigorar por mais de doze anos, tendo sido revogado, em 2001, pela Lei n.º 4/2001, de 23 de Fevereiro, actualmente em vigor. Este diploma vem classificar as rádios quanto ao nível de cobertura (âmbito nacional, regional ou local) e quanto ao conteúdo da programação (generalistas ou temáticas), prevendo também a existência de rádios universitárias.

No artigo 6º é definido, desde logo, aquele que é o principal ponto de distinção entre as emissoras locais portuguesas e as rádios municipais espanholas: a proibição de a actividade de radiodifusão ser exercida ou financiada por partidos ou associações políticas, autarquias locais, organizações sindicais, patronais ou profissionais, directa ou indirectamente através de entidades em que detenham capital ou por si subsidiadas.

A lei assenta ainda a obrigatoriedade de os operadores radiofónicos que forneçam serviços de programas generalistas ou temáticos informativos produzirem e difundirem serviços noticiosos regulares (um mínimo de três serviços noticiosos respeitantes à sua área geográfica, obrigatoriamente transmitidos entre as 7 e as 24 horas). Segundo estabelece ainda o diploma, “os serviços de programas de cobertura local devem transmitir um mínimo de oito horas de programação própria, a emitir entre as 7 e as 24 horas “(artigo 41º).

Já no caso das emissoras locais galegas, a lei, surgida em 1991, estabelece que a gestão das emissoras fica nas mãos do concelho, que pode recorrer a qualquer das três fórmulas previstas na Lei Reguladora de Bases

de Regime Local. O aspecto mais polémico da lei, notam Miralles e Perez, diz respeito ao financiamento das emissoras. Inicialmente, o projecto de lei não permitia às rádios públicas locais a difusão de publicidade, abrindo uma acesa polémica no colectivo das emissoras. A emissão publicitária acabou por ser autorizada, mas a controvérsia não terminou, uma vez que a medida desagradou ao sector privado.

Em complemento à lei nacional, os decretos reguladores da concessão do serviço de radiodifusão sonora por parte das Comunidades Autónomas vêm estabelecer os requisitos fundamentais para a atribuição de concessões. No caso da Galiza, a normativa da comunidade autónoma estabelece que as emissoras municipais apostem na promoção e protecção da língua própria da região, exigindo que pelo menos 50 por cento da programação seja emitida em galego. Para Sanfiz Raposo, a exigência revela “timidez”, uma vez que as rádios públicas empregam integralmente o galego, e no âmbito das emissoras municipais a percentagem de cidadãos que falam o galego é de perto de 100 por cento. (MIRALLES e PÉREZ:129).

4. Uma vocação local

Como deu já para perceber, em ambos os lados da fronteira a missão das rádios locais passa, essencialmente, pela prestação de um serviço de informação e animação de âmbito local, assumindo-se como um meio de informação de proximidade. Na certeza de que, só com esta aposta nos conteúdos locais elas poderão conquistar o seu próprio auditório face às grandes concorrentes de cobertura nacional, tal como acontece com os jornais e os projectos televisivos locais.

Não restam grandes dúvidas de que é o facto de uma emissora local transmitir informações de trânsito relativas às estradas da região, ou o relato do jogo de futebol do concelho, que leva os cidadãos a sintonizar a estação da sua terra. De outra forma, nada os fará trocar uma emissora nacional – normalmente dotada com muitos mais recursos e capacidades para produzir e emitir informação de âmbito nacional –, por uma rádio local.

Bernardo Diaz Nosty, citado por Bonixe, diz que os *media* de proximidade devem criar espaços/discursos direccionados para a audiência específica e não se afastarem das realidades próprias de uma comunidade, como forma de incrementar valores de cidadania e de democracia. É esta especialização do discurso e dos conteúdos que constitui a mais-valia dos órgãos de comunicação local face aos *media* globais.

A vocação local deve assumir-se, assim, como o pilar base dos projectos informativos locais, até porque tem sido através da concretização desta “missa” que estes *media* começaram a ver a sua importância reconhecida, não só sentida no seio da sua audiência, mas também entre as elites locais (órgãos políticos, administrativos, etc.).

No caso concreto português, refere Carlos Camponez, “só no final dos anos 80 começa a ser notada uma nova atitude sobre a importância da comunicação social local e regional, até aqui reduzida globalmente ao estatuto de minoridade, próprio das «folhas de couve». Renovaram-se projectos editoriais já existentes e grandes grupos de *media* nacionais começaram também a investir em projectos de âmbito local.

A informação de proximidade tem o seu próprio mercado e pode assumir um peso igual ou superior à informação nacional e internacional. Citando uma intervenção da ex-eurodeputada socialista, Helena Vaz Silva, proferida em 1998, o autor sublinha o reconhecimento de que a imprensa e a rádio regional e local “podem e devem funcionar como referência e motor de mudança na sociedade em que se inserem”(CAMPONEZ, 2002:115).

É certo que esta focalização dos *media* locais na informação de proximidade os colocar num lugar de vantagem perante os meios nacionais – obviamente, à escala da região onde estão inseridos –, mas também é factor gerador de algumas vicissitudes próprias de uma vivência em terrenos mais limitados. As suas possibilidades de financiamento são muito mais escassas (estão limitados a um universo reduzido de empresas e instituições para angariar publicidade) e a sua proximidade aos poderes políticos e públicos locais pode implicar algumas vulnerabilidades, nomeadamente ao nível de eventuais pressões em torno da matéria editorial.

No estudo “Os media e os poderes locais”, José Ricardo Carvalheiro nota o facto de grande parte dos *media* locais estarem na mão de gente ou instituições conservadoras ou ligados a interesses que se cruzam com o meio político, reconhecendo também que “boa parte dos *media* [locais] são empresas frágeis com jornalistas em situação de precariedade laboral e salarial, com alguma inexperiência e lacunas na qualificação”.

Um caso que pode ilustrar bem algumas das questões anteriormente apontadas foi denunciado, em Março de 2006, pelo director do Jornal “Voz do Dão”, António Manuel de Sousa Guedes, junto da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdade e Garantias (Subcomissão de Direitos Fundamentais e Comunicação Social da Assembleia da República). Na exposição enviada a este órgão institucional, e que foi tornada pública através do Sindicato dos Jornalistas, o director daquele jornal queixa-se de uma “perseguição”, por parte da Câmara Municipal de Santa Comba Dão, contra o “Voz do Fundão”, nomeadamente através do corte de publicidade. “Cortou a publicidade ao jornal por não gostar de peças de investigação jornalística”, relata o director do jornal, na referida queixa. Sousa Guedes denunciava, assim, que o órgão a que dirige estava a ser alvo de sérias retaliações por parte da edilidade local em virtude do executivo camarário em funções não gostar de ali ver publicadas notícias que interpelavam a sua governação. A este propósito, o Sindicato dos Jornalistas fez saber que “a discriminação que atinge o ‘Voz do Dão’ não é caso isolado. Em situação idêntica encontra-se o ‘Notícias da Amadora’ e diversos outros órgãos de comunicação regionais, cuja sobrevivência está mesmo posta em casa”.

5. Panorama europeu

Como percebemos anteriormente, o fenómeno do surgimento das rádios locais em cada um dos lados da fronteira assenta em pontos comuns, ainda que a afirmação e desenvolvimento das emissoras locais tenha, depois, seguido caminhos diferentes em cada um dos países.

Importa olhar também para o resto da Europa e tentar perceber como cada um dos países vive com as rádios regionais, especialmente aqueles que estão mais próximos de Portugal e Espanha, quer em termos geográficos, quer ao nível populacional e económico.

No estudo “Comunicação regional e local na Europa Ocidental”, Jorge Pedro Sousa, da Universidade Fernando Pessoa, traça o panorama do sector da comunicação social regional e local (no qual se incluem as rádios locais) na Europa, concluindo que este varia de Estado para Estado, dada as próprias diferenças em termos de território, população e indicadores económicos, entre cada um deles. Ainda que, nota o autor estudo, “uma característica comum de quase todos os países europeus é a existência de subsídios governamentais ou incentivos fiscais, entre outros, aos *media*. Os apoios e incentivos são justificados pela necessidade de defesa da língua e da cultura, pela necessidade de informação e formação e ainda pelo papel socializador que possuem”.

Ainda de acordo com este estudo, “nos países europeus onde a emigração foi ou é forte, os meios de comunicação regionais e locais desempenham um papel relevante de elo de ligação entre comunidades oriundas da mesma área geográfica mas que devido à emigração andam dispersas pelo mundo. A presença na Internet acentua este papel”.

Importa, então, debruçarmo-nos sobre os dados apresentados neste estudo, particularmente no que concerne à situação específica do sector das rádios locais, analisando os números totais deste tipo de emissoras nalguns dos países mais representativos:

- Bélgica- é um país pequeno e tem cerca de dez milhões de habitantes. À semelhança do que aconteceu em Portugal, também na Bélgica as emissoras locais de rádio surgiram ilegalmente no início da década de oitenta, normalmente ligadas a grupos activistas, como os ecologistas ou os pacifistas. Essas rádios romperam com o monopólio das rádios estatais BRTN-RTBF.

O idealismo dos primeiros tempos, porém, rapidamente foi ultrapassado pelos interesses comerciais e as rádios locais sofreram uma transformação que as tornou, predominantemente, em rádios de música pop. A legalização aconteceu em 1981, tendo-se seguido um período de formação de cadeias de rádios locais, mas uma nova lei limitou-as. Este facto, em conjugação com a abertura das cadeias estatais à publicidade, provocou o encerramento de muitas rádios locais. Mesmo assim, existem cerca de 500 rádios locais em todo o país.

- França – o país estende-se por 549 mil quilómetros quadrados e tem cerca de 56,6 milhões de habitantes, dos quais cerca de dezoito por cento concentrados na região parisiense.

À semelhança do que aconteceu em Portugal, também em França o Estado teve de ir atrás dos cidadãos para regular um sector onde, a partir dos anos setenta, começaram a proliferar as rádios "pirata".

Em 1981, uma Lei retirou pela primeira vez ao Estado Francês o monopólio da radiodifusão, e em 1986, as rádios locais foram autorizadas a formar cadeias nacionais. Este cenário permite a coexistência, a nível local e regional, de projectos profissionais com projectos amadores e a coexistência de rádios associativas ou ligadas a grupos de interesse com rádios comerciais. A Radio France (emissora estatal), por sua vez, foi forçada a criar canais regionais para competir com as rádios locais e associativas, cujo número atinge já, segundo algumas estimativas, cerca de um milhar.

- Alemanha - tem cerca de oitenta milhões de habitantes, é apontada como um caso de sucesso dos *media* regionais e locais.

Apesar de existir uma organização nacional para assegurar o serviço público de televisão, chamada Anstalt, a televisão é regionalizada, uma vez que a Constituição atribui aos Länder (estados federados) a responsabilidade pela teledifusão. Assim, a Anstalt normalmente providencia a cada Land um serviço público de rádio e televisão. As emissoras de cada Land oferecem ainda cinco canais de rádio à sua região.

- Grécia - sendo um país de pequena dimensão, e com um total de 10 milhões de habitantes (o que permite alguma comparação com a realidade portuguesa), a Grécia tem um número de rádios locais que ascende a cerca de 800 emissoras. Foi em 1987 que um Decreto Presidencial tornou possível o aparecimento de rádios locais comerciais e municipais, que tiveram um sucesso incrível, à semelhança do que aconteceu com as televisões locais (160 emissoras). Refira-se ainda que às rádios e televisões locais gregas é

dada a possibilidade de formarem cadeias, desde que a ênfase na programação seja local e o tempo de cadeia não supere as cinco horas diárias.

- Luxemburgo – uma das grandes especificidades do Luxemburgo começa, desde logo, pelo facto de ser o país mais pequeno da Europa (400 mil habitantes). O Luxemburgo apresenta um cenário bem diferente dos restantes países europeus. Neste país de apenas 2586 km² existem quatro rádios regionais, que, dada a dimensão reduzida do país, acabam por cobrir quase todo o território. Foram ainda facultadas 40 frequências para rádios locais, mas apenas cerca de metade foram ocupadas e parte dessas rádios locais operam apenas algumas horas por dia.
- Reino Unido - cerca de 90% dos cerca de 58 milhões de habitantes do Reino Unido vive em Inglaterra, na região que fica entre Londres e Manchester. No entanto, esta concentração populacional não impede a existência de uma comunicação social regional e local forte. Isto apesar do termo "regional" não dar conta do real panorama mediático do Reino Unido, já que o Estado é formado por quatro países distintos: a Inglaterra, o País de Gales, a Escócia e a Irlanda do Norte. No Reino Unido existem 173 rádios locais hertzianas, normalmente comerciais, a que se juntam mais meia centena por cabo e satélite.

6. Audiências

Uma dos grandes problemas que se colocam às rádios locais passa, precisamente, pela falta de capacidade financeira para encomendar estudos de audiências e mercados.

Mais grave ainda: o facto de este ser um sector com uma escala bem menor do que a dos órgãos nacionais, leva a que o estudo das audiências das emissoras locais acabe por ficar à margem, na grande maioria das vezes, dos estudos realizados pelos organismos que se têm dedicado ao estudo das audiências (exemplo: Marktest e Obercom). Veja-se que, mesmo a nível de estudos académicos, o subsector das rádios locais está ainda muito pouco explorado.

Perante esta ausência de dados quanto ao perfil dos seus ouvintes, expectativas e hábitos de audição, a tarefa das emissoras locais torna-se ainda mais incerta. Não conseguem saber o que os seus ouvintes preferem, de forma a poderem coordenar a produção dos conteúdos e emissão às expectativas das suas audiências.

E este é um problema que também afecta as emissoras municipais da região da Galiza. Os dados que anualmente vão sendo apurados através do Estúdio General de Médios (EGM) apenas permitem aferir alguns traços gerais quanto aos hábitos de audição.

No estudo de 2003, por exemplo, concluiu-se que a faixa etária que regista mais receptores é a que vai dos 25 aos 44 anos e, atendendo à classe social, a classe média é a mais fiel ao meio radiofónico. Outro dado curioso apontado prende-se com o facto de, na Galiza, o horário em que a rádio é mais escutada é o que vai das 6h00 às 12h30.

Em Portugal, os dados não fogem muito à realidade galega. Os dados do Bareme Rádio da Marktest relativos às audiências de rádio no país

(2005) apontam que a idade com maior peso ao nível dos ouvintes é a faixa que vai dos 25 aos 34 anos (23,8 por cento), seguindo-se o escalão dos 35 aos 44 anos (18,6 por cento).

Quanto à classe social, o maior peso é o da “classe média baixa” (32,7 por cento), seguido da “classe média” (28,1 por cento). Em termos geográficos, o mesmo estudo apontava que a região do Interior Norte assegura 21,1 por cento do total de ouvintes, o Litoral Norte 20,5 por cento, a Grande Lisboa 20,1 por cento, o Grande Porto 12 por cento e por fim o Sul 10,4 por cento.

6.1 Hábitos de audição

Num outro estudo sobre audição de rádio realizado em Portugal, ainda que à escala do concelho de Coimbra, é possível aprofundar um pouco mais em relação aos hábitos de audição de rádio. A partir da realização de inquéritos junto de dois grupos populacionais (jovens em idade escolar e adultos com idades entre os 40 e os 60 anos) Sílvio Santos concluiu que a audição da rádio é um elemento quotidiano para a grande maioria dos indivíduos (90 por cento).

Já quanto ao local onde cada um dos grupos ouve rádio, cada um dos grupos denuncia tendências distintas: os adultos ouvem rádio, sobretudo, no carro (72,3 por cento), registando-se um prolongamento na esfera doméstica (21,3 por cento); a maioria dos jovens diz ouvir rádio em casa (59,7 por cento), sendo o segundo local mais referenciado o carro (37,5 por cento).

Sobre a atenção que cada um dos grupos dedica à rádio – averiguando a real dimensão da sua associação a outras tarefas – o estudo “A rádio no quotidiano. Estudo sobre hábitos de audição de adultos e

jovens no concelho de Coimbra”, começa por apurar que a grande maioria dos inquiridos, englobando jovens e adultos, costuma ouvir rádio enquanto executa outra actividade (79,7 por cento). Os jovens confessam ouvir rádio, sobretudo, enquanto estudam (40,7 por cento) e os adultos enquanto conduzem (66,7 por cento). Relativamente ao horário em que cada um dos grupos mais ouve rádio, conclui-se que praticamente metade dos adultos ouve rádio de manhã, entre as 6 e as 10 horas, e a maioria dos jovens fá-lo entre as 17 e as 20 horas (31,1 por cento) e entre as 20 e as 24 horas (26,2 por cento).

Quanto aos conteúdos radiofónicos que cada um dos grupos prefere ouvir, o estudo permite apurar que a maioria dos jovens (77,5 por cento) prefere ouvir música na rádio, independentemente do sítio onde a audição ocorre. Motivo pelo qual as rádios que apontam como preferidas são estações que apostam em modelos musicais fortes e definidos como a Cidade FM (a mais ouvida), a Mega FM e a RFM. As notícias ou os relatos de futebol são opções secundárias. Já os adultos evidenciam uma maior inclinação para conteúdos “onde a palavra tem uma apetência mais forte”, nota o autor. Mas uma vez questionados sobre o que preferem ouvir quando estão em casa, no carro ou no trabalho, os adultos escolhem a música.

7. A era do on-line

Ainda que estejam ainda sujeitas a grandes dificuldades financeiras, que chegam a por em causa a sua sobrevivência, há um desafio ao qual as rádios locais souberam responder com prontidão: a aposta na emissão *on-line*. Tanto deste lado da fronteira como na Galiza, as emissoras locais não hesitaram em aproveitar as potencialidades da Internet, ultrapassando os limites da muito limitada cobertura radiofónica que lhes está atribuída.

No caso das emissoras portuguesas, e à semelhança do que acontece com a generalidade dos restantes órgãos de comunicação social, o aparecimento das rádios na Internet ocorre em meados dos anos 90. E é a partir desta altura que o meio radiofónico mergulha numa nova e renovada fase da sua vida, uma vez que Internet acabou por representar “uma nova perspectiva para um velho meio”, uma nova forma de as estações radiofónicas chegarem junto do seu público.

No estudo “As rádios portuguesas e o desafio do (on) line”, elaborado por investigadores do OberCom - com base em dados apurados pelo projecto de investigação “O Impacto da Internet nos Mass Media Portugueses” – conclui-se que “a rádio é hoje o *media* que em Portugal melhor explorou as potencialidades da Internet”, uma vez que “conseguiu estabelecer quais os pontos de contacto entre as suas características inatas e as características oferecidas pela internet”.

Muito embora não se debruce sobre o caso concreto das rádios locais, o mesmo estudo sublinha o facto de a Internet ter permitido, “em particular às rádios de entretenimento, um aprofundar da proximidade e intimidade com o ouvinte”, oferecendo-lhe também a possibilidade de introduzir “um novo fôlego na informação, pois a sua presença on-line é

sem dúvida quase sempre mais forte e de maior fôlego do que a proposta pelos seus mais directos competidores, a televisão e os jornais”.

Para as rádios locais as potencialidades introduzidas pela era do on-line foram ainda mais significativas. A possibilidade de disponibilizarem a sua emissão através das suas páginas de Internet, permitiu-lhes chegar ainda mais longe. A sua emissão deixou de estar confinada ao espectro radiofónico para o qual estão licenciadas (cujo âmbito se limita à região envolvente ao concelho em que estão sedeadas), podendo, agora, ser escutada em qualquer ponto do país ou até mesmo do globo.

Na prática, este alargamento das fronteiras, permitiu que as rádios locais passassem a levar aos emigrantes e migrantes originários das suas áreas de influência as notícias e as vozes dos protagonistas da sua terra. Conseguiu-se, só a título de exemplo, que um emigrante radicado nos Estados Unidos da América passasse a conseguir acompanhar o relato de um qualquer jogo do clube da sua cidade.

Vantagens que parecem ter convencido a grande maioria dos responsáveis pelos projectos radiofónicos locais, uma vez que apenas uma pequena franja das rádios locais portuguesas ainda não têm páginas de Internet. Em 2002, do total de projectos de rádios locais existentes em Portugal 145 já dispunham de página na Internet, disponibilizando a sua programação em directo ou em formato MP3.

Um estudo recente, elaborado pelo investigador e docente da Universidade do Minho Pedro Portela, citado pelo Diário Digital (www.diariodigital.pt), constatou que apenas 31 rádios portuguesas não têm qualquer presença na Internet. Contudo, é também apontado que apenas 3,4 por cento das rádios portuguesas presentes na Internet “proporcionam oportunidades aos seus ouvintes para, através dos seus

canais, intervirem na esfera pública em assuntos ligados às problemáticas sócio-políticas mais relevantes para os destinos colectivos”.

Segundo notou Pedro Portela, quase três quartos das rádios “não manifestam on-line atitudes de estímulo à interacção e, nos poucos casos em que esse estímulo é claro, a participação dos ouvintes é aberta apenas ao entretenimento e feita quase exclusivamente (90%) por rádios locais.

8. Estudo de caso: análise de uma rádio local portuguesa e uma rádio local galega.

8.1 Objectivo e metodologia do estudo

Para obter um quadro e uma análise à forma ao panorama das rádios locais de cada uma das regiões, optou-se por estudar uma emissora de cada de cada um dos lados da fronteira.

No território português, a escolha recaiu, desde logo, pela Rádio Terra Nova. Essencialmente, por ser a rádio onde a autora deste estudo trabalha já desde há algum tempo, integrando o quadro de jornalistas da emissora. Mas também porque é uma estação bastante representativa daquilo que foi o arranque das rádios locais portuguesas – projectos iniciados por associações culturais e recreativas. Para esta escolha contribuiu também o facto de a Rádio Terra Nova ter conseguido, ao longo dos anos, consolidar o seu projecto – algumas congéneres ficaram pelo caminho ou foram adquiridas por cadeias nacionais ^{2*}-, tornando-se até pioneira ao nível da implementação das novas tecnologias, como se poderá comprovar mais à frente.

Da parte da região da Galiza, decidiu-se analisar a Rádio Obradoiro, sedeadada em Santiago de Compostela, uma vez que se trata de uma rádio de âmbito local privada (pertence ao grupo de jornais do Correo Gallego) e que trabalha conteúdos locais.

Numa fase inicial do estudo, ainda se pensou analisar uma rádio municipal, mas acabou por se considerar que seria muito difícil proceder a

² .* Exemplo: O caso da Rádio Moliceiro, que era uma das rádios mais emblemáticas da região de Aveiro, e que foi adquirida pela RCP (Rádio Clube Português), emitindo em cadeia com a emissora “mãe” de Lisboa.

um cruzamento de dados entre as realidades de cada uma das emissoras, uma vez que em Portugal a área de influência das rádios locais vai muito além, normalmente, do concelho em que estão inseridas. Mais ainda: pensou-se que não seria realista estar a comparar uma emissora que tem uma verba anual garantida pelo órgão que gere o concelho (como acontece nas rádios municipais galegas) e uma outra que está obrigada a desenvolver esforços constantes para a obtenção da sua única receita mensal, a publicidade (rádios locais portuguesas).

Para poder conhecer a realidade de cada uma das emissoras, decidiu-se analisar as grelhas de programação das duas estações e fazer uma entrevista aos seus directores, que pretendeu seguir, ao máximo, o mesmo alinhamento de perguntas.

Ainda que, se tenha optado por particularizar algumas questões – exemplo: na rádio espanhola interessava saber se a língua usada é o galego e também apurar se o facto de pertencer a um grupo de jornais traz algumas vantagens ao nível do aproveitamento de sinergias –, a entrevista aposta num conjunto de perguntas comuns, para tentar traçar o mais fielmente possível um quadro de pontos concordantes ou divergentes.

Optou-se ainda por fazer um inquérito junto dos funcionários de cada uma das emissoras para apurar até que ponto são afectados por algumas das questões que têm vindo a ser apontadas em relação aos profissionais dos meios de comunicação social local (falta de qualificação, baixos salários, etc.). E, conseqüentemente, para analisar se existem pontos comuns entre as emissoras de cada um dos lados da fronteira. Para analisar os dados apurados nestes inquéritos usou-se o programa SPSS 16.0.

8.2 Rádio Terra Nova

A Rádio Terra Nova é sustentada, em termos empresariais, por uma cooperativa (mais concretamente: Cooperativa de Radiodifusão e Acção Cultural). Fundada a 12 de Julho de 1986, a Rádio Terra Nova deve o seu surgimento, à semelhança do que acontece com a grande maioria das rádios locais portuguesas, ao esforço e dedicação de um grupo de curiosos e amantes da actividade radiofónica.

O nome da estação pretende ser uma alocação às fortes ligações das gentes da Gafanha da Nazaré (cidade onde a Rádio Terra Nova se encontra sedeada) e do restante concelho de Ílhavo à actividade da pesca do bacalhau exercida, com especial incidência nos mares da Terra Nova (Canadá).

A área de abrangência da estação estende-se aos 10 municípios da CIRA (Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro). Apesar de não se encontrar sedeada no município capital de distrito e mais representativo da região (Aveiro), a emissora assume a aposta, nos conteúdos que produz e emite, de servir toda a região envolvente.

A emitir a partir da frequência 105 FM, a Rádio Terra Nova consegue assegurar a produção e difusão de 12 noticiários próprios e de cariz local e regional. A vertente informativa é ainda completada com a emissão de noticiários em cadeia com a Rádio Renascença (num total de 12 por dia).

A informação local ou de proximidade, que acaba por ser o grande elemento diferenciador entre as emissoras locais e as estações nacionais, está também presente em vários programas de debate e entrevista (um

programa de debate semanal, um programa de desporto, e espaços de entrevistas diárias nos programas da manhã e do final da tarde).

A Terra Nova assegura uma emissão de continuidade entre as 7h00 e as 19h00. A programação entre as 19h00 e as 24h00 é assegurada pelos chamados “programas de autor” – produzidos e realizados por colaboradores e instituições ou associações da região. Entre as 24h00 e as 7h00 a emissão resume-se a uma programação musical, tal como acontece aos fins-de-semana – à excepção de algumas tardes de sábado e domingo em que é assegurada a cobertura dos jogos das equipas de futebol, basquetebol e andebol da região.

A Rádio Terra Nova orgulha-se de ter sido pioneira em matéria de rádios locais com página na Internet. Um portal electrónico onde são disponibilizados, além da emissão on-line, um conjunto de conteúdos informativos, devidamente actualizados.

Uma aposta que faz com que, a página de Internet seja intensamente visualizada, em especial pela população do concelho e municípios limítrofes, a residir no estrangeiro ou noutras cidades do país. Segundo números avançados pela directora-executiva da estação, Rosa Sardo, o site regista um número de acessos diários médio na ordem dos 8.000 – um número que ultrapassa, em larga escala, a tiragem média de vários jornais locais.

A consciencialização das novas oportunidades que página *web* pode oferecer, levou os responsáveis da estação a apostarem, recentemente, num novo portal de Internet (www.terranova.pt), que consegue oferecer outros serviços diferenciados, nomeadamente: a apresentação de imagem vídeo e a possibilidade dos ouvintes/leitores assumirem o papel de “jornalista cidadão” (enviando as suas próprias notícias).

E foi também a pensar nesta aposta na informação de proximidade em suportes diferentes e diferenciados, que a Rádio Terra Nova se lançou, há alguns anos, num projecto inovador: o PIAR – Plataforma de Informação Através de RDS. Mediante a instalação de 22 painéis informativos, em locais públicos dos concelhos de Ílhavo, Aveiro e Estarreja, a Rádio Terra Nova consegue emitir conteúdos informativos específicos para a comunidade existente à volta de cada painel. Ou seja, os conteúdos não são generalizados para os 22 painéis mas sim devidamente tratados para a comunidade onde está instalado.



Imagem de um painel do PIAR

Não obstante toda esta aposta na informação de proximidade e no aproveitamento das possibilidades trazidas pelas novas tecnologias (página de Internet e plataforma RDS), a emissora não está imune a dificuldades e entraves ao seu desenvolvimento.

Segundo aponta a responsável pela estação, “as primeiras dificuldades são financeiras”, atendendo à dificuldade em angariar receitas publicitárias. “As empresas/empresários estão cada vez mais exigentes e preferem investir em meios nacionais. Massificam as campanhas, atingem um maior número de pessoas e os resultados acabam por ser conseguidos mais rapidamente.”, especifica aquela responsável.

E, a esta “dificuldade em competir com os meios de comunicação nacionais acresce uma concorrência local desleal. Para a grande maioria dos órgãos de informação locais, sobreviver à crise obriga a comportamentos comerciais pouco transparentes”, acrescenta.

Os responsáveis pela Rádio Terra Nova apelam ainda para que o governo passe a dar o exemplo, reservando uma atenção maior às emissoras locais. Aquilo que se pretende não são “subsídios propriamente ditos”, sublinha Rosa Sardo, mas sim, campanhas publicitárias. “O governo português vai fazendo muitas campanhas publicitárias (a última das quais a apelar para o consumo de produtos nacionais), mas estas nunca chegam às rádios locais. Essa fatia de publicidade devia ser repartida também pelas rádios locais”, exemplifica a directora-executiva da Rádio Terra Nova.

8.2.1 Caracterização do quadro de pessoal

O quadro de pessoal da Rádio Terra Nova é constituído por um total de nove funcionários, a que se juntam cinco colaboradores mais assíduos que trabalham a informação desportiva. Do quadro de pessoal fixo quatro trabalhadores estão afectos ao departamento de informação (jornalistas), dois fazem animação de programas, um exerce funções de sonoplasta, um outro é comercial (vendedora), existindo também uma administrativa. Os

nove trabalhadores fixos da empresa acederam a responder ao nosso inquérito, o que permitiu apurar que:

a) A maior parte dos funcionários (44,4 %) situa-se na faixa etária entre os 30 e os 39 anos.

	Frequência	Percentagem
20-29	3	33,3
30-39	4	44,4
40-49	2	22,2
Total	9	100,0

Ilustração 3 - Faixa etária

b) Em termos de distribuição do pessoal por áreas, nota-se que a grande maioria (55,6%) está afectada à emissão (jornalistas e animadores).

	Frequência	Percentagem
Administrativo	1	11,1
Editor / Coordenador	1	11,1
Jornalista/Animador	5	55,6
Técnico Sonoplasta	1	11,1
Vendedor	1	11,1
Total	9	100,0

Ilustração 4 - Distribuição por funções

c) Ao nível dos salários auferidos, a maioria dos trabalhadores (55,6%) diz receber um salário inferior o igual a 500 euros. Isto quando, grande parte dos funcionários diz ser licenciado.

	Frequência	Porcentagem
[500-750[3	33,3
[750-1000[1	11,1
<= 500 €	5	55,6
Total	9	100,0

Ilustração 5 - Salários auferidos

	Frequência	Porcentagem
Licenciatura	5	55,6
Pós-Graduação	1	11,1
Secundário	3	33,3
Total	9	100,0

Ilustração 6 - Habilitações literárias

d) Relativamente ao tipo de vínculo que mantêm para com a empresa, grande parte dos funcionários (55,6%) diz estar efectivo. Outro dos dados que pode revelar alguma estabilidade no quadro de pessoal da Rádio Terra Nova diz respeito à antiguidade na empresa. Apenas um funcionário está na empresa há menos de um ano, sendo que a maioria (55,6%) presta serviço na emissora há mais de um ano e menos de quatro.

	Frequência	Porcentagem
A termo	3	33,3
Efectivo	5	55,6
Sem vínculo	1	11,1
Total	9	100,0

Ilustração 7 - Vínculo à empresa

	Frequência	Porcentagem
< 1 ano	1	11,1
> 15 anos	1	11,1
1 a 4 anos	5	55,6
10 a 14 anos	1	11,1
5 a 9 anos	1	11,1
Total	9	100,0

Ilustração 8- Antiguidade na empresa

e) Dos nove funcionários da Rádio Terra Nova, quatro (44%) já tinham adquirido experiência numa outra emissora radiofónica.

	Frequência	Porcentagem
Não	5	55,6
Sim	4	44,4
Total	9	100,0

Ilustração 9 - Experiência em outra emissora

f) Quando questionados se a empresa promovia acções de formação para os funcionários apenas uma minoria (11,1) respondeu sim. Dos que responderam não, a quase totalidade (88,9%) assume que consideravam que a realização destas acções podia ser proveitosa.

	Frequência	Porcentagem
Não	8	88,9
Sim	1	11,1
Total	9	100,0

Ilustração 10 - Incentivos à formação na empresa

	Frequência	Percentagem
Não	1	11,1
Sim	8	88,9
Total	9	100,0

Ilustração 11 -Considerariam a formação importante

8.2.2 Desafios futuros

Não obstante o cenário de dificuldades e estrangulamentos financeiros, os responsáveis da Rádio Terra Nova acreditam no desenvolvimento das rádios locais. “[...] Existe um lugar para os projectos de informação profissionais, para os que conseguirem marcar a diferença, com uma informação regional isento, rigorosa e independente. Vão, com toda a certeza, conseguir afirmar-se e destacar-se neste difícil mundo da comunicação.”, evidencia a directora-executiva da Rádio Terra Nova.

Para que essa afirmação aconteça, considera Rosa Sardo, as emissoras terão de apostar na “criação/definição de modelos de comunicação com os quais o público ouvinte se identifica. Reequacionar as fronteiras geográficas do projecto e torná-lo mais próximo do seu público-alvo são outros dos desafios que teremos de aceitar para que as rádios locais sejam competitivas financeiramente”.

Outra das apostas futuras terá de passar por “reinventar este modelo de comunicação [rádio] e pensar em suportes alternativos e complementares: páginas de Internet cada vez mais dinâmicas e interactivas; conseguir associar a imagem ao conteúdo rádio; definição de conteúdos cada vez mais criativos e adequados às marcas”, aponta ainda a directora-executiva da Rádio Terra Nova.

8.3 Rádio Obradoiro

A Rádio Obradoiro é uma rádio privada e está inserida num grupo empresarial de comunicação social local, no qual o jornal Correo Gallego aparece em primeiro plano (integram ainda o grupo os projectos Galicia-Hoxe.com, Correo TV, Tierras de Santiago e Anova Multiconsulting).

Esta emissora detém três frequências (102.1, 100.7 e 95.0 FM) e está sediada em Santiago de Compostela. Foi fundada a 1 de Agosto de 1998 e a sua área de abrangência estende-se até um total de cerca de 60 municípios da Galiza (por força da posse de três frequências).

A emissora aposta nos conteúdos de informação de proximidade, apesar de só emitir dois noticiários locais por dia (pelas 12h00 e pelas 20h00). A informação local acaba por estar presente ao longo dos vários programas diários, nomeadamente no programa da manhã, no programa dedicado ao desporto, entre outros. A Rádio Obradoiro assegura uma programação de continuidade entre as 8h00 e as 20h00. A partir das 21h00, a emissão é assegurada por colaboradores e aos sábados e domingos a emissora restringe a sua programação a uma emissão musical.

A transmissão de informativos de âmbito nacional não faz parte da grelha de programação da Rádio Obradoiro, ainda que, assume a directora do departamento de informação, Olga Vilar, “os noticiários locais incluem uma ou outra notícia de âmbito nacional ou internacional). A língua falada nesta emissora, predominantemente, é o galego, mas também vai sendo usado o castelhano, segundo reconhece a coordenadora da emissora.

A página de Internet da Rádio Obradoiro está acessível através do endereço www.radioobradoiro.com, mas não dispõe de emissão on-line. No portal web apenas vão sendo apresentadas as notícias do dia, a grelha de programas da emissora e também os seus funcionários e colaboradores.

Ainda em relação à página de Internet, não está contabilizado o número médio de acessos diários ao portal.

Atendendo ao facto de o grupo empresarial em que está inserida possuir também uma empresa de estudos de mercado, a Rádio Obradoiro goza de uma grande vantagem em relação às suas congéneres, que é facto de poder fazer sondagens com alguma periodicidade. A última, evidenciou a directora do departamento de informação da rádio, apontava para uma média de ouvintes diários na ordem dos 17.000.

Mas esta é apenas uma das poucas vantagens de estar inserida num grupo empresarial de comunicação social. Segundo refere Olga Vilar, as vantagens de estar associado a outros órgãos de informação, “facilita ao nível da produção de conteúdos de informação, porque temos acesso às notícias do Correo Gallego. Também acabamos por ter direito a publicidade no jornal de forma gratuita (através de permuta). Mas não se criam sinergias entre os jornalistas do jornal e a redacção da rádio”.

Entre as principais dificuldades sentidas pelos responsáveis pela emissora está, desde logo, a questão financeira. Olga Vilar fala mesmo em “sobrevivência”, atendendo a que “há pouca publicidade e também falta de pessoal”. A Rádio Obradoiro, “sendo uma rádio privada vive só da publicidade. Com a crise económica actual, a venda de publicidade caiu muito, cerca de 40 por cento. E já houve necessidade de cortes na rádio, nomeadamente ao nível do pessoal”, especifica a directora de informação.

8.3.1 Caracterização do quadro de pessoal

O quadro de pessoal da Rádio Obradoiro é constituído por um total de oito funcionários fixos, aos quais se juntam quatro colaboradores, sem que exista grande diferenciação ao nível das funções que cada um exerce na emissora, como reconhece a própria directora de informação, Olga Vilar. Do total de funcionários da Rádio Obradoiro, seis responderam ao nosso questionário, o que permitiu apurar que:

a) A maior parte dos funcionários (50%) situa-se na faixa etária entre os 20 e os 29 anos de idade. Metade dos trabalhadores (50%) diz estar afecto às funções respeitantes à emissão (jornalismo e animação).

	Frequência	Percentagem
20-29	3	50,0
30-39	1	16,7
40-49	2	33,3
Total	6	100,0

Ilustração 12 - Faixa etária

	Frequência	Percentagem
Administrativo	2	33,3
Jornalista/Animador	3	50,0
Técnico Sonoplasta	1	16,7
Total	6	100,0

Ilustração 13 - Função

c) A grande maioria (83,3%) diz auferir salários entre 750 e 1.000 euros e nenhum trabalhador diz receber um vencimento inferior ou igual a 500 euros. E a quase totalidade dos funcionários diz ter formação superior (bacharelato, licenciatura ou pós-graduação).

	Frequência	Percentagem
[750-1000[5	83,3
> 1000 €	1	16,7
Total	6	100,0

Ilustração 14 - Salário auferido

	Frequência	Percentagem
Bacharelato	2	33,3
Licenciatura	2	33,3
Pós-Graduação	1	16,7
Secundário	1	16,7
Total	6	100,0

Ilustração 15 - Habilitações literárias

d) Em termos de vínculo à empresa, a grande percentagem dos trabalhadores (66,7%) diz estar efectivo. Relativamente à antiguidade na empresa, nota-se que a maioria dos funcionários está já na empresa há vários anos.

	Frequência	Percentagem
A termo	2	33,3
Efectivo	4	66,7
Total	6	100,0

Ilustração 16 - Vínculo à empresa

	Frequência	Percentagem
< 1 ano	1	16,7
> 15 anos	1	16,7
1 a 4 anos	1	16,7
10 a 14 anos	1	16,7
5 a 9 anos	2	33,3
Total	6	100,0

Ilustração 17 - Antiguidade na empresa

e) Do total de funcionários da Rádio Obrero que responderam ao inquérito, metade revelam ter prestado serviço noutra emissora.

	Frequência	Percentagem
Não	3	50,0
Sim	3	50,0
Total	6	100,0

Ilustração 18 - Experiência em outra emissora

f) Dos inquiridos, apenas uma minoria diz que a emissora tem apoiado acções de formação, sendo que a grande maioria (83,3 %) consideraria essa formação vantajosa.

	Frequência	Percentagem
Não	5	83,3
Sim	1	16,7
Total	6	100,0

Ilustração 19 - Incentivo à formação

	Frequência	Percentagem
Não respondeu	1	16,7
Sim	5	83,3
Total	6	100,0

Ilustração 20 - Considerariam vantajosa

8.3.2 Desafios futuros

Não obstante o desânimo resultante da situação actual, resultante em grande medida da conjuntura económica internacional, a directora da Rádio Obradoiro diz acreditar no desenvolvimento das rádios locais em Espanha, não tendo qualquer tipo de dúvidas de que este tipo de emissoras “são necessárias e têm ouvintes”. “Há pessoas interessadas na informação local e as emissoras nacionais só falam das cidades mais pequenas quando acontecem coisas graves.”, aponta.

Para vingarem, as emissoras locais terão de, na opinião de Olga Vilar, antes de mais, “sobreviverem”. “E depois, têm que se profissionalizar e especializar. Acho que a especialização do pessoal que trabalha nas rádios é fundamental”, declara. E enumera também a necessidade de o governo dar mais apoio às rádios locais, nomeadamente através de publicidade, uma vez que as campanhas que vão sendo feitas pelos órgãos governamentais nestas emissoras parecem ser muito pontuais e com valores residuais.

8.4 Análise comparativa

Comparando os dados apurados em cada uma das emissoras locais, quer ao nível das entrevistas aos seus responsáveis, quer nos inquéritos realizados junto dos funcionários, verifica-se que existem diversos pontos de convergência entre cada uma das emissoras, mas também encontramos pontos díspares.

Uma das conclusões que mais salta à vista prende-se com o facto de as principais dificuldades sentidas por cada uma das rádios serem de natureza financeira. Tanto na Rádio Terra Nova como na Rádio Obradoiro o principal entrave ao desenvolvimento da actividade e à afirmação do projecto residir na dificuldade em angariar receitas publicitárias. Na emissora portuguesa é apontado o facto de as empresas preferirem apostar em campanhas publicitárias em órgãos nacionais, enquanto na estação radiofónica espanhola o problema na angariação de publicidade é justificado com base na difícil conjuntura económica actual. A este nível importa ainda realçar que em ambos os lados da fronteira se reclama uma maior atenção por parte das entidades governamentais para com as emissoras locais, alertando-se para a necessidade de as entidades públicas passarem a distribuir as suas campanhas publicitárias também nestas emissoras de cariz regional.

Em matéria de produção e emissão de conteúdos de informação de proximidade, evidencia-se uma diferença notável entre o número de noticiários emitidos diariamente por cada uma das emissoras. Na Rádio Terra Nova, os blocos informativos são assumidos como uma aposta forte e ascendem 12 por dia. Na Rádio Obradoiro, são emitidos apenas dois

noticiários por dia. Ainda assim, importa notar que, em ambas as estações o tratamento da actualidade informativa local não se resume aos noticiários propriamente ditos. As grelhas de programação de cada uma das emissoras compreendem diversos programas de carácter informativo (programas de desporto, entrevista e comentário).

Analisando a forma como cada uma das emissoras aproveita as potencialidades introduzidas pela Internet, nota-se que a Rádio Terra Nova tem tentado aproveitar ao máximo as vantagens introduzidas por este novo meio. Ao contrário do que acontece com a sua congénere galega, a emissora da região de Aveiro aposta na emissão *on-line* e acaba de introduzir a vertente de imagem (vídeo) na sua página de Internet, bem como um espaço reservado para as notícias dos cidadãos (ouvintes). Na Rádio Obradoiro, a página de Internet apresenta-se somente como um complemento ao projecto transmitido via rádio, funcionando como uma espécie de “cartão-de-visita” da emissora.

Outra das grandes disparidades entre as duas rádios reside nos salários auferidos pelos seus funcionários, que são claramente mais baixos na emissora local portuguesa, com a maioria dos profissionais (55,6%) a receber um salário inferior ou igual a 500 euros. Na Rádio Obradoiro, a maior parte dos trabalhadores (83,3%) auferem um vencimento entre os 750 e os 1.000 euros (ver gráfico). Ainda assim, importa notar que esta diferença salarial não deverá divergir muito daquela que é a realidade ao nível do diferencial de vencimentos entre os dois países (salários mais altos em Espanha).

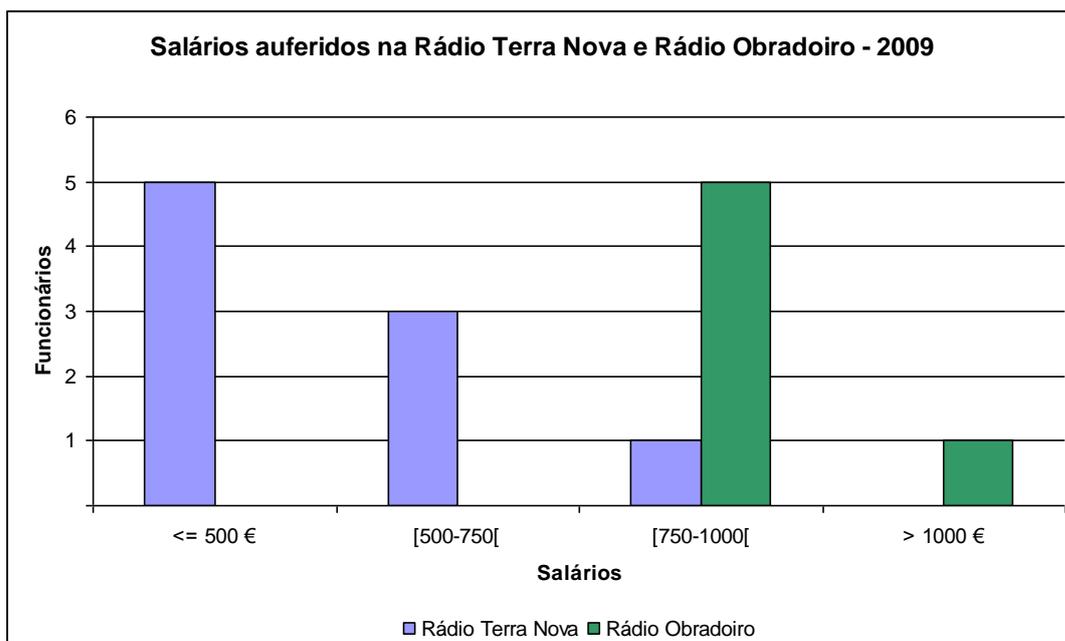


Ilustração 21 - Comparação entre os salários auferidos em cada uma das emissoras

Em matéria de habilitações académicas dos profissionais de cada uma das estações, conclui-se que ambas as emissoras contam com um quadro de pessoal com habilitações ao nível do ensino superior, ainda que a Rádio Terra Nova tenha um número de licenciados superior ao da sua congénere galega.

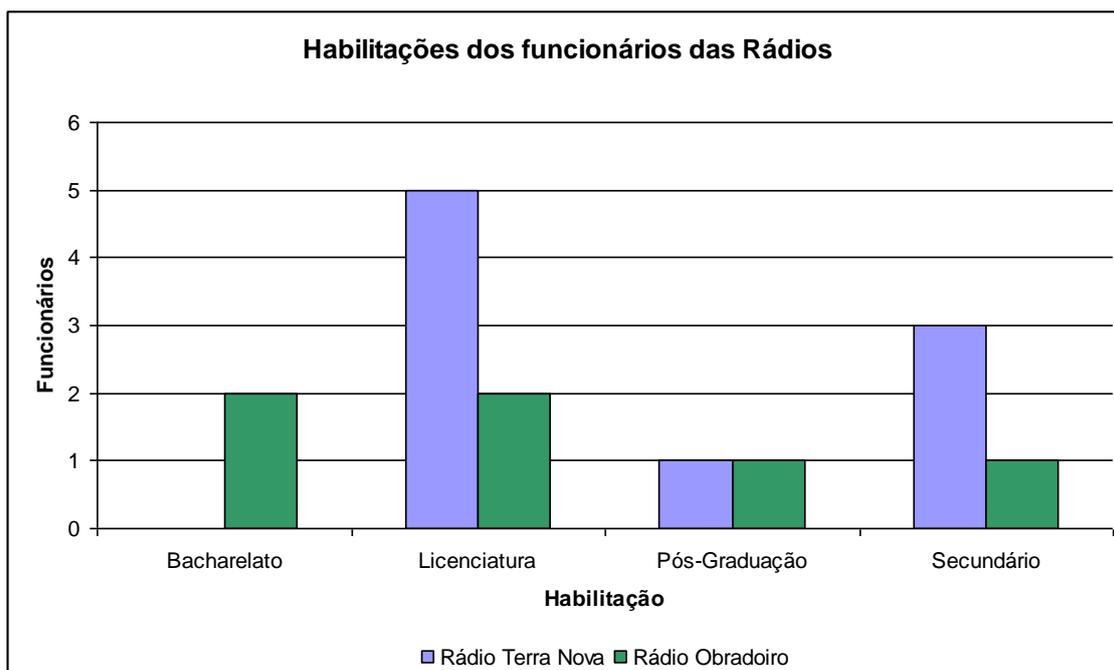


Ilustração 22 - Comparação das habilitações literárias

Importa ainda olhar para a situação contratual dos trabalhadores de cada uma das estações, para apurar a estabilidade de emprego dos profissionais das duas emissoras. Tanto na Rádio Obradoiro como na Rádio Terra Nova a maioria dos profissionais tem vínculo à empresa. Na emissora galega 66,7% dos funcionários estão efectivos e na emissora portuguesa são 55,6%.

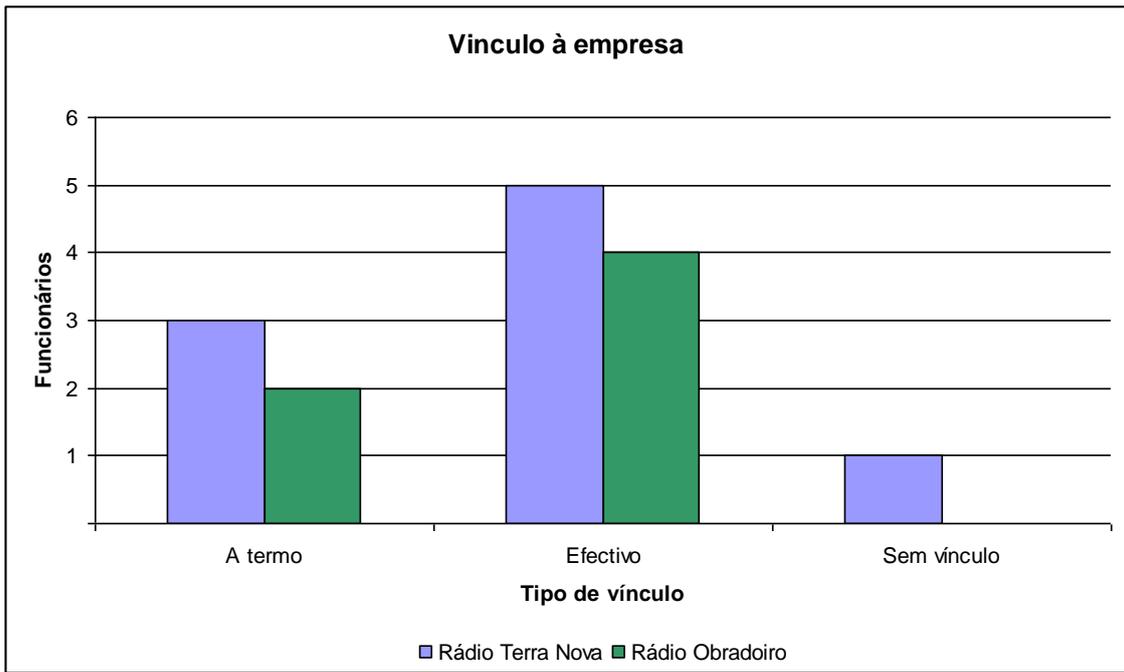


Ilustração 23 - Ligação/vínculo contratual à empresa

9. Conclusões

Tanto em Espanha, como em Portugal, as emissoras locais nasceram sob o signo da clandestinidade, proliferando um pouco por todo o território, e só encontraram sustentáculo legal por volta da década de 80. No território português, terão emitido clandestinamente entre 500 a 800 rádios. Em Espanha, entre 1959 e 1960 operavam em Espanha perto de 600 emissoras com carácter local. E em ambos os lados da fronteira, a experiência vivida após a legalização veio revelar que o enquadramento legal não conseguiu resolver todos os problemas destes órgãos de informação.

A forte concorrência veio obrigar a uma maior profissionalização e especialização destes projectos radiofónicos – que começaram com um cariz amador -, o que acabou por suscitar maiores encargos financeiros para cada uma das emissoras. Perante a dificuldade em angariar receitas publicitárias suficientes para garantir a sustentabilidade financeiras das empresas detentoras dos alvarás e licenças de emissão, muitas emissoras viram-se obrigadas a fechar as suas portas ou a reduzir a qualidade dos seus projectos (quadros de pessoal reduzidos ao mínimo, conteúdos informativos escassos ou pouco profissionais, etc). Nalguns casos até a opção passou por uma associação a empresas nacionais (exemplo: Mega FM, do grupo Rádio Renascença; RCP, do grupo Prisa).

Ainda assim, subsistem várias emissoras locais que mantiveram a aposta nos projectos profissionais, como é o caso das duas estações de rádio analisadas no presente estudo, mas num cenário de grandes dificuldades financeiras. Estas emissoras enfrentam grandes obstáculos na angariação de publicidade necessária para fazer face aos encargos dos seus projectos, temendo pela sobrevivência das empresas que as sustentam.

Ainda que, não restem grandes dúvidas quanto à relevância destes projectos radiofónicos na comunidade onde se inserem. Em ambos os casos, a informação de proximidade é uma aposta forte, dando, assim, corpo àquela que é a principal missão das emissoras locais. Na certeza de que, só com conteúdos informativos de cariz local, especialmente vocacionados para o público da região onde se inserem, as rádios de âmbito local conseguem afirmar-se ou destacar-se perante as grandes emissoras nacionais.

O futuro dirá se, esta consciencialização da relevância dos projectos radiofónicos de âmbito local perpassará também para as empresas da comunidade nas quais as emissoras estão inseridas – traduzindo-se num maior investimento publicitário nas estações de rádio de âmbito regional. Como pudemos verificar, a grande questão que se loca às emissoras locais - impedindo, mesmo, a concretização de investimentos no reforço do quadro de pessoal, entre outros – reside na dificuldade que estas enfrentam na angariação de publicidade. Importará também verificar se as entidades governamentais passam a redistribuir as suas campanhas publicitárias entre os órgãos de informação nacional e os de âmbito local.

A Internet, enquanto nova perspectiva para um velho meio de comunicação, também se apresenta como um dos grandes desafios que se impõem às rádios locais. Os hábitos de audição estão a alterar-se e, cada vez mais, a rádio não é apenas um produto que se escuta em casa, no trabalho ou no automóvel. Além do mais, importa aproveitar ao máximo a grande vantagem introduzida pela Internet: os limites da cobertura geográfica.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Ana Paula (2001), “As rádios locais do pós-25 de Abril”, in *Para a História da Rádio em Portugal*, Revista do Obercom nº 4, Lisboa, 2001.

DUARTE, Feliciano Barreiras, *Informação de Proximidade, Jornais e Rádios*, Âncora Editora.

BARRETO, António; MÓNICA, Maria Filomena, (Coords), *Dicionário da História de Portugal*, Volume IX, Lisboa, Livraria Figueirinhas.

BONIXE, Joaquim Luís Rodrigues, *As rádios locais em Portugal: Informação e função social – Uma análise dos noticiários das rádios do distrito de Setúbal* (tese de mestrado não publicada).

CAMPONEZ, Carlos (2002), *Jornalismo de Proximidade*, Coimbra, Minerva.

CORDEIRO, Paula, “A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução”, in <http://www.bocc.ubi.pt>.

ESPANHA, Rita; AMARAL, Sandra; CARDOSO, Gustavo, (2006) *As Rádios portuguesas e o desafio do (on) line*, in <http://www.obercom.pt/252.nps> (acedido em Dezembro de 2006).

ESTÉVEZ, Xosé Ramón Pousa, “A rádio”, in *A Comunicación en Galicia 2004*, LÓPEZ, Xosé, (Coord.), Consello da Cultura Galega.

MIRALLES, Patrícia Iglesias; PÉREZ, Arturo MERAYO, (2001) *As Rádios Municipais en Galicia*, A Coruna, Laverde Ediciones Lea.

PRADO, Emili, *Estructura de la Información Radiofónica*, Editorial Mitre, Barcelona, 1985.

POUSA, Xosé Ramón, “A rádio en Galicia”, in *A Comunicación en Galicia 2007*, GARCÍA, Xosé López, (Coord.), Consello da Cultura Galega.

RAPOSO, Henrique Sanfiz, *Pública e Local. Rádio municipal en Galicia*, Edicións LEA, 1993.

ROSAS, F; BRANDÃO DE BRITO, J.M, (Coords), *Dicionário História do Estado Novo*, Volume II, Lisboa.

SANTOS, Sílvio, *A rádio no quotidiano. Estudo sobre hábitos de audição de adultos e jovens no concelho de Coimbra* (tese de mestrado não publicada).

Documentos electrónicos e sites consultados:

CARVALHEIRO, José Ricardo, *Os media e os poderes locais* (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/carvalheiro-ricardo-media-poder.pdf>) in BOCC.UBI: Biblioteca Universitária On Line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt).

CORDEIRO, Paula, “A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução”, in BOCC.UBI: Biblioteca Universitária On Line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt).

ESPANHA, Rita; AMARAL, Sandra; CARDOSO, Gustavo, (2006) *As Rádios portuguesas e o desafio do (on) line*, in <http://www.obercom.pt/252.nps> (acedido em Dezembro de 2006).

PÉREZ, Arturo Merayo, “Las Rádios Locales Y Su penetración en la audiéncia”, in BOCC.UBI: Biblioteca Universitária On Line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt).

SOUSA, Jorge Pedro, “Comunicação regional e local na Europa Ocidental. Situação geral e os casos português e galego”, in BOCC.UBI: Biblioteca Universitária On Line de Ciências da Comunicação (www.bocc.ubi.pt).

TRILHO, Xavier Vilhar, “A recíproca conveniência de a Galiza ev Portugal levar a termo algum tipo de unificação política e, no mínimo, a plena unidade linguística”. (www.lusografia.org)

Diário Digital, “Estudo: 30 por cento das rádios portuguesas fora da Internet”, in <http://www.diariodigital.pt> – acedido em Dezembro de 2006.

Sindicato dos Jornalistas, “Voz do Dão queixa-se da CM de Santa Comba Dão”, in <http://www.jornalistas.online.pt> - acedido em Novembro de 2006.

Anacom – <http://www.anacom.pt>

Rádio Terra Nova – <http://www.terranova.pt>

Rádio Obradoiro – <http://www.radioobradoiro.com>

Associação de Radiodifusão Portuguesa – <http://www.apradiodifusao.pt>

Gabinete para os Meios de Comunicação Social – <http://www.gmcs.pt>

ANEXOS

Entrevista à directora-executiva da Rádio Terra Nova
Dra. Rosa Sardo

Localização da Rádio: Concelho de Ílhavo, região de Aveiro.

Data de fundação da rádio?

R: 12 de Julho de 1986

Área de abrangência da rádio?

R: Estamos sedeados no município de Ílhavo, mas emitimos para todo o distrito de Aveiro. E definimos, na definição da oferta de conteúdos, que a nossa área de abrangência são os 10 municípios da CIRA (Comunidade Intermunicipal da Região de Aveiro): Aveiro, Ílhavo, Estarreja, Vagos, Albergaria-a-Velha, Oliveira do Bairro, Anadia, Ovar, Sever do Vouga e Murtosa.

Número de funcionários da rádio?

R: 9, a que se juntam 5 colaboradores mais assíduos, nomeadamente para as emissões de desporto.

Qual o número de funcionários a prestar serviço em cada um dos sectores?

R: Quatro estão afectos ao departamento de informação (jornalistas) e dois fazem animação de programas. Temos ainda um sonoplasta, um comercial (vendedora) e uma administrativa.

A rádio que dirige emite noticiários em cadeia com estações de rádio nacionais? Qual?

R: Sim. Com a Rádio Renascença.

E noticiários de informação regional, tem?

R: Sim, às meias horas. Temos um total de 12 noticiários locais, no período entre as 7h00 e as 20h00.

A rádio que dirige tem página de Internet?

R: Sim, há já 15 anos. Aliás, a Rádio Terra Nova foi das primeiras rádios locais portuguesas a ter página web. E, actualmente, tem uma média de 8.000 acessos diários, o que é um número bastante significativo.

E tem emissão on-line?

R: Sim. E tem sido através dessa ferramenta que temos vindo a conseguir, cada vez mais, alargar a nossa abrangência para além da região. É curioso como conseguimos ser ouvidos nos Estados Unidos da América, França ou outros países onde se encontram emigrantes oriundos da região. Importa lembrar que a emigração tem um forte peso nesta região em que a Rádio Terra Nova está inserida. E também vamos recebendo algum “feed back” das pessoas originárias daqui e que foram trabalhar para outras cidades, e que vão mantendo a ligação à sua região através da nossa emissão on-line.

A rádio que dirige tem utilizado algum método que lhe permita saber qual a sua audiência perante as principais concorrentes e conhecer o seu público-alvo?

R: Não, apesar de reconhecer que esses estudos seriam importantíssimos. Só ainda não o fizemos porque as sondagens são muito caras.

Quais as principais dificuldades com que se debate na administração da rádio que dirige?

R: As primeiras dificuldades são financeiras, uma vez que Terra Nova até contamos com um quadro de pessoal bastante profissional e qualificado. As empresas/empresários estão cada vez mais exigentes e preferem investir em meios nacionais. Massificam as campanhas, atingem um maior número de pessoas e os resultados acabam por ser conseguidos mais rapidamente.

A dificuldade em competir com os meios de comunicação nacionais acresce uma concorrência local desleal. Para a grande maioria dos órgãos de informação locais, sobreviver à crise obriga a comportamentos comerciais pouco transparentes.

Considero também que o Estado também deveria dar mais apoio às rádios locais, não através de subsídios propriamente ditos, mas através de publicidade. O governo vai fazendo muitas campanhas publicitárias (a última das quais a apelar para o consumo de produtos nacionais), mas estas nunca chegam às rádios locais. Essa fatia de publicidade devia ser repartida também pelas rádios locais.

Acredita na afirmação e desenvolvimento das rádios locais?

R: As dificuldades económicas são, sem sombra de dúvida, um grande obstáculo ao desenvolvimento e crescimento das rádios locais. Acredito, no entanto, que existe um lugar para os projectos de informação profissionais, para os que conseguirem marcar a diferença, com uma informação regional

isento, rigorosa e independente. Vão, com toda a certeza, conseguir afirmar-se e destacar-se neste difícil mundo da comunicação.

Tudo passa, na minha opinião, pela criação/definição de modelos de comunicação com os quais o público ouvinte se identifica. Reequacionar as fronteiras geográficas do projecto e torná-lo mais próximo do seu público-alvo são outros dos desafios que teremos de aceitar para que as rádios locais sejam competitivas financeiramente.

Quais serão, na sua opinião, os grandes desafios futuros das rádios locais?

R: Os grandes desafios passam, em primeiro lugar, por superar as graves carências financeiras com que nos deparamos e que condicionam todo o trabalho e recursos disponíveis.

Por outro lado, é necessário reinventar este modelo de comunicação e pensar em suportes alternativos e complementares: páginas de Internet cada vez mais dinâmicas e interactivas; conseguir associar a imagem ao conteúdo rádio; definição de conteúdos cada vez mais criativos e adequados às marcas. São algumas das metas a atingir a curto prazo.

Entrevista à coordenadora da Rádio Obradoiro
Dra. Olga Vilar

Rádio local privada, pertencente ao grupo empresarial do Correo Gallego.

Localização: Santiago de Compostela (Galiza).

Data de fundação da rádio?

R: 1 de Agosto de 1998.

Qual a área de abrangência da rádio?

R: A rádio tem três frequências diferentes e abrange cerca de 60 municípios ao redor de Santiago de Compostela.

Número de funcionários da rádio?

R: 8 fixos, a que se juntam 4 colaboradores.

Qual o número de funcionários a prestar serviço em cada um dos sectores?

R: Não fazemos muito essa divisão. Aqui cada funcionário faz de tudo um pouco.

A rádio que dirige emite noticiários em cadeia com estações de rádio nacionais?

R: Não. Vamos dando uma ou outra notícia nacional e internacional nos noticiários locais, a fechar.

E noticiários de informação regional, tem?

R: Sim, temos dois. Um é emitido por volta das 12h00 e outro por volta das 20h00. Depois, vamos dando a informação local ao longo dos vários programas diários, nomeadamente no programa da manhã, no programa dedicado ao desporto, entre outros.

E os conteúdos falados são em que língua: galego ou castelhano?

R: Galego, fundamentalmente. Mas também falamos o castelhano.

A rádio que dirige tem página de Internet?

R: Sim.

Sabe quantos acessos tem por dia?

R: Não.

Emissão on-line?

R: Não. Só temos informação sobre a rádio e notícias actualizadas em versão texto.

A rádio que dirige tem utilizado algum método que lhe permita saber qual a sua audiência perante as principais concorrentes e conhecer o seu público-alvo?

R: Sim, periodicamente. Uma vez que o grupo empresarial em que a rádio está inserida detém uma empresa de sondagens, temos essa vertente facilitada. A última apontava para uma média de 17.000 ouvintes por dia.

O facto de estar inserida num grupo empresarial de comunicação social produz algumas vantagens para a Rádio Obradoiro?

R: Facilita ao nível da produção de conteúdos de informação, porque temos acesso às notícias do Correo Gallego. Também acabamos por ter direito a publicidade no jornal de forma gratuita (através de permuta). Mas não se criam sinergias entre os jornalistas do jornal e a redacção da rádio.

Quais as principais dificuldades com que se debate na administração da rádio que dirige?

R: Agora mesmo, a sobrevivência, por causa da questão económica. Há pouca publicidade e também falta de pessoal. Esta rádio, sendo uma rádio privada vive só da publicidade. Com a crise económica actual, a venda de publicidade caiu muito, cerca de 40 por cento. E já houve necessidade de cortes na rádio, nomeadamente ao nível do pessoal.

Acredita na afirmação e desenvolvimento das rádios locais?

R: Acredita que as rádios locais são necessárias e têm ouvintes. Há pessoas interessadas na informação local e as emissoras nacionais só falam das localidades mais pequenas quando acontecem coisas graves. Mas a sobrevivência das emissoras locais é difícil, pela questão económica. É difícil viver só da publicidade. O governo devia dar apoio às rádios locais, quanto mais não seja através de publicidade. O governo local vai fazendo publicidade nas emissoras locais, mas são campanhas muito pequenas e com pouco peso financeiro.

Quais serão, na sua opinião, os grandes desafios futuros das rádios locais?

R: O fundamental é sobreviverem. E depois, têm que se profissionalizar e especializar. Acho que a especialização do pessoal que trabalha nas rádios é fundamental.

Inquérito rádios locais (funcionários)

Idade:

- 20-29anos
- 30-39 anos
- 40-49 anos
- 50-60 anos

Sexo:

- Masculino
- Feminino

Função:

- Jornalista/Animador
- Editor/Coordenador
- Vendedor
- Administrativo
- Sonoplasta

Salário:

- <500Euros
- [500-750[Euros
- [750-1000[Euros
- >1000Euros

Habilitações:

- Secundário
- Bacharelato
- Licenciatura
- Pós-graduação

Vínculo à empresa:

- Sem vínculo
- A termo
- Efectivo

Antiguidade na empresa:

- < 1 ano
- 1 a 4 anos
- 4 a 9 anos
- 9 a 14 anos
- >15 anos

Experiência anterior noutra emissora?

- Sim
- Não

A empresa costuma incentivar/financiar acções de formação profissional?

- Sim
- Não

Se respondeu não: considera que esta formação seria vantajosa para o trabalho desenvolvido na empresa?

- Sim
- Não

Grelha Rádio Terranova

Expresso da Manhã – 07:00h – 11:00h	Dia	Hora	Conteúdos
		07:00:00	Noticias RR
		07:15:00	Tempo
		07:25:00	Antecipação de Notícias
		07:30:00	Notícias Regionais
		07:45:00	Revista Imprensa (jornalista Terra Nova)
	Sexta	07:55:00	Em Agenda
		08:00:00	Noticias RR
		08:15:00	Informação Trânsito
		08:25:00	Antecipação de Notícias
		08:30:00	Notícias Regionais
		08:45:00	Revista Imprensa Comentada
		09:00:00	Noticias RR
		09:15:00	Minuto Europa
		09:25:00	Peça do Dia
		09:30:00	Notícias Regionais
		09:35:00	Tema do Dia
		10:00:00	Noticias RR
		10:15:00	Fórum
Automático (11:00 h– 16:00h)		11:00:00	Noticias RR
		11:30:00	Notícias Regionais
	Segunda (quinzenal)	11:35:00	Porto de Encontro – Programa APA
	Terça	11:35:00	Caminhos da Região
	Quinta	11:35:00	Na cozinha com.... Anselmo Santos
		12:00:00	Não há notícias RR
	Sexta	12:02:00	Em Agenda
		12:30:00	Notícias Regionais
		13:00:00	Noticias RR
		13:30:00	Notícias Regionais
		14:00:00	Noticias RR
	Sexta	14:02:00	Em Agenda
		14:15:00	Minuto Europa
		14:30:00	Notícias Regionais
		15:00:00	Noticias RR
	Segunda	15:15:00	Entre Linhas
	Quarta	15:15:00	Crónica Jurídica

	Quinta	15:15:00	Viva Verde
	Sexta	15:15:00	Modas
		15:30:00	Notícias Regionais
Regresso a Casa – 16:00h – 19:00h		16:00:00	Noticias RR
		16:30:00	Notícias Regionais
		17:00:00	Noticias RR
		17:15:00	Antecipação Tema Dia com breve RM
		17:30:00	Notícias Regionais
	Terça	17:45:00	Concentrado de Música
	Quarta	17:45:00	Grande Écran
		18:00:00	Noticias RR
	Terça	18:15:00	Dá que Pensar
Programas Entrevista – 19:00h – 20:00h		19:00:00	Não há notícias RR
	Segunda	19:02:00	2ª Parte – programa desportivo
	Quarta	19:02:00	Conversas – programa entrevista
	Quinta	19:02:00	Falar Claro – Quinzenal
20:00h – 22:00h – Takes José	Dia		
	Segunda		
	Terça		
	Quarta		
	Quinta		

Programas de Autor – Segunda a Sexta	Dia	Hora	Conteúdos
Vozes do Mundo	Segunda	22:00 – 23:00	Generalista
2 Dedos de Conversa	Terça	22:00 – 23:00	Temas relacionados com a EPADRV
Tribulações	Quarta	22:00 – 23:00	Música + palavra
Sons Pardos	Quinta	23:00 – 00:00	Música
Blindagem	Sexta	00:00 – 01:00	Música
Soltar a Corrente	Sexta	21:00 – 22:00	Vocacionado para a juventude
Salsa Night	Sexta	23:00 – 23:30	Música latino-americana

FIM DE SEMANA	Dia	Hora	Conteúdos
08:00 – 11:00 – Automático	Sábado	08:00:00	Noticias RR
		08:30:00	Notícias Regionais
		09:00:00	Noticias RR
		09:30:00	Notícias Regionais
		10:00:00	Noticias RR
		10:30:00	Notícias Regionais
Discurso Directo (quinzenal)	Sábado	11:00 – 12:00	Programa Entrevista
Canal Central (quinzenal)	Sábado	11:00 – 12:00	Programa Entrevista
Sonho Rock and Roll	Sábado	19:00 – 21:00	Programa Autor
Agora Acontece	Domingo	08:00 – 09:00	Programa Autor
Concerto	Domingo	20:00 – 21:00	Programa Autor
Ao Som do Búzio	Domingo	22:00 – 23:00	Programa Autor

Horas	Lunes	Martes	Miércoles	Jueves	Viernes		Sábado	Domingo
08:00 13:30	Caixón desastre Olga Vilar e Silvia Castiñeras 13:15 – 13:30 Obradoiro de formación Control: Moncho Diaz	Caixón desastre Olga Vilar e Silvia Castiñeras Control: Moncho Diaz	Caixón desastre Olga Vilar e Silvia Castiñeras 13:15 – 13:30 Obradoiro de formación Control: Moncho Diaz	Caixón desastre Olga Vilar e Silvia Castiñeras Control: Moncho Diaz	Caixón desastre Olga Vilar e Silvia Castiñeras 13:15 – 13:30 Obradoiro de formación Control: Moncho Diaz	08:00 09:00	Musica para el fin de semana Control: Mario Fernandez	Música sin pausa
09:00	Boletin Informativo	Boletin Informativo 09:00-10:00 Faladoiro Susana López	Boletin Informativo 09:00-10:00 Faladoiro Susana López	Boletin Informativo 09:00-10:00 Faladoiro Susana López	Boletin Informativo 09:00-10:00 Faladoiro Susana López	09:00 11:00 11:00	Sólo Musica El sábado libro	9:00-14:00 Retransmisión XXXII Carreira Pedestre Popular Camiño de Santiago 14:00-18:00 Música sin palabras
10:00	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	12:00	José Miguel Giraldez	
11:00	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo			
12:00	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	12:00	O sombreiro de Merlin	
13:00	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	Boletin informativo	13:00	Alicia López	
13:30 14:00	Obradoiro Deportes Emílio Navaza	Obradoiro Deportes Emílio Navaza	Obradoiro Deportes Emílio Navaza	Obradoiro Deportes Emílio Navaza	Obradoiro Deportes Emílio Navaza	13:00 13:30	Un menssaje para ti Asociación Reto a la Esperanza	18:00-19:00 Puerta Abierta Sebastián Iñigo
14:00 15:00	Galicia Basket Xavier Sanmartin	Galicia Basket Xavier Sanmartin	Galicia Basket Xavier Sanmartin	Galicia Basket Xavier Sanmartin	Galicia Basket Xavier	13:30 16:00		19:00-21:00 Selección

					Sanmartin	16:00 20:00	Arroz com habichuelas Álvaro Veiga	musical
15:00 16:00	A Factoria Com Andrea Albor	A Factoria Com Andrea Albor	A Factoria Com Andrea Albor	A Factoria Com Andrea Albor	Perdidos en el ozono Com José Luis Garcia	20:00 00:00	+ Música	21:00-22:30 Las puertas del infinito Alberto Pazo 22:30 – 00:00 + Música
	Control: Mario Fernández	Control: Mario Fernández	Control: Mario Fernández	Control: Mario Fernández				
16:00 20:00	El Chispazo Sandra Romero	El Chispazo Sandra Romero	El Chispazo Sandra Romero	El Chispazo Sandra Romero	El Chispazo Sandra Romero	00:00 08:00	Madrugadas Obradoiro	00:00-08:00 Madrugadas Obradoiro
20:00 21:00	El Regate Javier Iglesias	El Regate Javier Iglesias	El Regate Javier Iglesias	El Regate Javier Iglesias	El Regate Javier Iglesias			
21:00 22:00	Música com ñ	Música com ñ	Música com ñ	Música com ñ	Puerta abierta Sebastián Iñigo			
22:00 23:00	GPS Xavier Sanmartin	GPS Xavier Sanmartin	GPS Xavier Sanmartin	GPS Xavier Sanmartin	GPS Xavier Sanmartin			
23:00 00:00	Una hora com... U2	Una hora com... Enemigos	Una hora com... Whitney Houston	Una hora com... Daniela Mercury	Una hora com... Elvis Presley			
00:00 01:00	En clave de folk Paulo Gacio	00:00-08:00 Madrugadas Obradoiro	00:00-08:00 Madrugadas Obradoiro	00:00-08:00 Madrugadas Obradoiro	00:00-08:00 Madrugadas Obradoiro			
01:00 08:00	Madrugadas Obradoiro							

Grelha Rádio Obradoiro